

GUILHERME TELL

Wilhelm Tell

Friedrich Schiller

Tradução brasileira Literunico

Edição digital para leitura gratuita

FONTE

Esta tradução foi preparada a partir do texto alemão em domínio público de Wilhelm Tell, de Friedrich Schiller, disponibilizado pelo Project Gutenberg, eBook #77182, edição Cotta, 1862.

Fonte base: Project Gutenberg, eBook #77182 URL:
<https://www.gutenberg.org/ebooks/77182>

NOTA EDITORIAL

Esta tradução brasileira de Wilhelm Tell busca preservar a estrutura dramática, os nomes próprios, as rubricas cênicas e a elevação retórica da peça de Friedrich Schiller, oferecendo ao leitor brasileiro uma leitura fluente sem apagar o tom clássico do original.

Foram mantidas, em geral, as grafias germânicas principais dos nomes e topônimos, como Geßler, Küßnacht, Schwytz, Roßberg, Reuß, Rütli, Bürglen e Flüelen. Nesta edição, essas grafias foram uniformizadas conforme a fonte alemã usada como base.

O termo alemão Landvogt foi vertido como governador, solução adotada para garantir continuidade interna e legibilidade em português brasileiro. Termos institucionais suíços, como Landammann e Landsgemeinde, foram preservados por sua especificidade histórica.

A arma de Wilhelm Tell, Armbrust, foi traduzida como besta. Pfeil foi harmonizado como flecha. Eidgenossen foi traduzido como confederados.

ELENCO PRINCIPAL

Hermann Geßler, governador imperial. Werner, Barão de Attinghausen. Ulrich von Rudenz, sobrinho de Attinghausen. Werner Stauffacher, de Schwytz. Gertrud, esposa de Stauffacher. Walther Fürst, de Uri. Hedwig, filha de Walther Fürst e esposa de Tell. Wilhelm Tell, de Bürglen. Walther Tell, filho de Tell. Wilhelm Tell, filho menor de Tell. Arnold vom Melchthal, de Unterwalden. Heinrich von der Halden, pai de Melchthal. Konrad

Baumgarten, de Alzellen. Bertha von Bruneck, nobre herdeira. Rudolph der Harras, cavaleiro ligado a Geßler. Rösselmann, pároco. Petermann, sacristão. Ruodi, pescador. Kuoni, pastor. Werni, caçador. Stüssi, guarda dos campos. Armgart, mulher do povo. Johannes Parricida, duque Johann da Suábia.

ÍNDICE

Primeiro ato

Primeira cena. Alta margem rochosa do Lago dos Quatro Cantões, defronte de Schwytz.

Segunda cena. Em Steinen, em Schwytz, uma tília diante da casa de Stauffacher, à beira da estrada, junto à ponte.

Terceira cena. Praça pública em Altorf.

Quarta cena. Morada de Walther Fürst.

Segundo ato

Primeira cena. Solar nobre do Barão de Attinghausen.

Segunda cena. Um prado cercado por altos rochedos e floresta. Rütli.

Terceiro ato

Primeira cena. Pátio diante da casa de Tell.

Segunda cena. Região selvagem e fechada de floresta.

Terceira cena. Prado junto a Altorf.

Quarto ato

Primeira cena. Margem oriental do Lago dos Quatro Cantões.

Segunda cena. Solar nobre de Attinghausen.

Terceira cena. A estrada funda junto a Küßnacht.

Quinto ato

Primeira cena. Praça pública em Altorf.

Segunda cena. Entrada da casa de Tell.

TEXTO DRAMÁTICO

PRIMEIRO ATO

Primeira cena.

Alta margem rochosa do Lago dos Quatro Cantões, defronte de Schwytz.

O lago forma uma enseada terra adentro. Uma cabana fica não longe da margem. O Menino Pescador navega num bote. Do outro lado do lago, veem-se, sob a clara luz do sol, os prados verdes, as aldeias e as herdades de Schwytz. À esquerda do espectador, aparecem os cumes do Haken, cercados de nuvens; à direita, no fundo distante, veem-se os montes de gelo. Antes mesmo de erguer-se o pano, ouve-se o Kuhreihen e o som harmonioso dos sinos dos rebanhos, que ainda continua por algum tempo depois de aberta a cena.

Menino Pescador (canta no bote).

Melodia do Kuhreihen.

O lago sorri, convida ao banho, o menino dormiu na verde margem; então ouve um som, doce como flautas, como vozes dos anjos no paraíso. E, quando desperta em ventura feliz, as águas brincam-lhe ao redor do peito. E das profundezas vem o chamado: “Querido menino, és meu! Atraio o adormecido, puxo-o para dentro.”

Pastor (canta na montanha).

Variação do Kuhreihen.

Prados, ficai bem! Pastos de sol! O pastor deve partir, o verão acabou. Subimos à montanha, tornaremos a vir, quando o cuco chamar, quando os cantos despertarem, quando a terra se vestir de novo com flores, quando as fontes correrem no amável maio. Prados, ficai bem! Pastos de sol! O pastor deve partir, o verão acabou.

Caçador dos Alpes

(aparece defronte, no alto do rochedo).

Segunda variação.

Trovejam as alturas, treme a ponte estreita; não se apavora o atirador no caminho vertiginoso. Ele avança ousado por campos de gelo; ali não fulge primavera, ali não verdeja ramo. E, sob seus pés, um mar de névoa; já não reconhece as cidades dos homens. Só pela fenda das nuvens avista o mundo, profundo sob as águas, o campo que reverdece.

(A paisagem se transforma. Ouve-se um estrondo surdo vindo das montanhas; sombras e nuvens correm pela região.)

Ruodi, o Pescador, sai da cabana. Werni, o Caçador, desce do rochedo. Kuoni, o Pastor, entra com a tigela de ordenha ao ombro; Seppi, seu ajudante, segue-o.

Ruodi.

Depressa, Jenni. Recolhe o bote. Vem aí o cinzento senhor do vale, o nevado ruge surdo, o Mythenstein põe o capuz, e sopra frio do buraco da tormenta; a tempestade, creio, estará aqui antes que pensemos.

Kuoni.

Vem chuva, barqueiro. Minhas ovelhas comem a erva com avidez, e Wächter escarva a terra.

Werni.

Os peixes saltam, e a galinha-d'água mergulha. Vem temporal.

Kuoni (ao menino).

Vê, Seppi, se o gado não se dispersou.

Seppi.

Reconheço a parda Lisel pelo sino.

Kuoni.

Então não nos falta nenhuma; ela é a que vai mais longe.

Ruodi.

Tendes um belo repique de sinos, mestre pastor.

Werni.

E belo gado. É vosso, conterrâneo?

Kuoni.

Não sou tão rico. É de meu senhor gracioso, o de Attinghausen, e está sob minha guarda.

Ruodi.

Como fica bonito o laço no pescoço da vaca.

Kuoni.

Ela também sabe que conduz o Kuhreihen; se eu o tirasse dela, deixaria de comer.

Ruodi.

Não sois sensato; um animal sem razão...

Werni.

Diz-se isso depressa. O animal também tem razão: nós o sabemos, nós que caçamos camurças. Quando vão pastar, elas põem com astúcia uma sentinela adiante, que aguça o ouvido e avisa com assobio claro quando o caçador se aproxima.

Ruodi (ao Pastor).

Levais o rebanho para casa agora?

Kuoni.

A pastagem alpina está consumida.

Werni.

Feliz regresso, pastor!

Kuoni.

O mesmo vos desejo. De vossa jornada nem sempre se volta.

Ruodi.

Lá vem um homem correndo com toda pressa.

Werni.

Eu o conheço; é Baumgarten, de Alzellen.

Konrad Baumgarten irrompe, sem fôlego.

Baumgarten.

Por amor de Deus, barqueiro, vosso bote!

Ruodi.

Ora, ora, que há com tanta pressa?

Baumgarten.

Desamarrai! Salvais-me da morte! Levai-me para o outro lado!

Kuoni.

Conterrâneo, que tendes?

Werni.

Quem vos persegue?

Baumgarten (ao Pescador).

Depressa, depressa, já estão quase aos meus calcanhares! Os cavaleiros do governador vêm atrás de mim; sou um homem morto, se me apanharem.

Ruodi.

Por que os homens de armas vos perseguem?

Baumgarten.

Primeiro salvai-me, depois vos responderei.

Werni.

Estais manchado de sangue. Que houve?

Baumgarten.

O castelão do imperador, que estava em Roßberg...

Kuoni.

Wolfenschießen! É ele que manda perseguir-vos?

Baumgarten.

Já não faz mal a ninguém; eu o matei.

Todos (recuando).

Deus tenha piedade de vós! Que fizestes?

Baumgarten.

O que todo homem livre faria em meu lugar. Exerci meu bom direito doméstico contra o violador de minha honra e de minha mulher.

Kuoni.

O castelão vos ofendeu na honra?

Baumgarten.

Deus e meu bom machado impediram que ele consumasse seu mau desejo.

Werni.

Abristes-lhe a cabeça com o machado?

Kuoni.

Ah, deixai-nos ouvir tudo; há tempo enquanto ele desprende o bote da margem.

Baumgarten.

Eu havia cortado lenha no bosque, quando minha mulher chegou correndo, tomada de angústia mortal. “O castelão está em minha casa”, disse ela. “Ordenou-me que lhe preparasse um banho. Depois exigiu de mim coisa indevida. Escapei para procurar-te.” Então corri para lá sem demora, como estava, e com o machado abençoei-lhe o banho.

Werni.

Fizestes bem; ninguém pode censurar-vos.

Kuoni.

O furioso! Recebeu agora sua paga! Há muito a merecia do povo de Unterwalden.

Baumgarten.

O feito se tornou conhecido; estão em meu encalço. Enquanto falamos, Deus, o tempo se escoou.

(Começa a trovejar.)

Kuoni.

Depressa, barqueiro, leva o homem honrado ao outro lado!

Ruodi.

Não dá. Vem aí um temporal pesado. Tendes de esperar.

Baumgarten.

Santo Deus! Não posso esperar. Cada demora me mata.

Kuoni (ao Pescador).

Entra com Deus! É preciso ajudar o próximo; o mesmo pode acontecer a qualquer de nós.

(Rugido e trovão.)

Ruodi.

O föhn se soltou; vede como o lago se ergue. Não posso governar o bote contra vento e ondas.

Baumgarten (abraçando-lhe os joelhos).

Que Deus vos ajude como tiverdes compaixão de mim.

Werni.

É questão de vida. Sede misericordioso, barqueiro!

Kuoni.

É pai de família, tem mulher e filhos!

(Novos trovões.)

Ruodi.

Como? Eu também tenho uma vida a perder, tenho mulher e filho em casa, como ele. Olhai, como rebenta, como ondula e forma turbilhões, revolvendo todas as águas no fundo. Eu quisera salvar o homem honrado, mas é

simplesmente impossível; vós mesmos vedes.

Baumgarten (ainda de joelhos).

Então devo cair nas mãos do inimigo, tendo à vista a margem próxima da salvação! Ali está! Posso alcançá-la com os olhos; até lá pode chegar o som da voz. Ali está o bote que me levaria ao outro lado, e devo ficar aqui, sem auxílio e desesperado!

Kuoni.

Vede quem vem ali!

Werni.

É Tell, de Bürglen.

Tell, com a besta.

Tell.

Quem é o homem que aqui implora auxílio?

Kuoni.

É um homem de Alzellen. Defendeu sua honra e matou Wolfenschießen, o castelão do rei que estava em Roßberg. Os cavaleiros do governador estão em seu encaço. Ele suplica ao barqueiro que o atravesse; o outro teme a tempestade e não quer partir.

Ruodi.

Este é Tell, que também maneja o leme; ele há de testemunhar se a travessia pode ser ousada.

(Trovões violentos; o lago ruge.)

Devo lançar-me na boca do inferno? Ninguém em seu juízo faria isso.

Tell.

O homem bravo pensa em si por último. Confia em Deus e salva o aflito.

Ruodi.

Do porto seguro é fácil aconselhar. Ali está o bote, e lá o lago. Tentai vós!

Tell.

O lago pode ter compaixão; o governador, não. Tenta, barqueiro!

Pastores e Caçadores.

Salva-o! Salva-o! Salva-o!

Ruodi.

Fosse meu irmão, fosse meu próprio filho, não pode ser. Hoje é São Simão e São Judas; o lago enfurece e quer sua vítima.

Tell.

Com palavras vãs nada se faz aqui; a hora aperta, é preciso socorrer este homem. Fala, barqueiro, queres partir?

Ruodi.

Eu, não!

Tell.

Em nome de Deus, então! Dá-me o bote! Quero tentar com minha fraca força.

Kuoni.

Ah, bravo Tell!

Werni.

Isso é coisa de bom caçador!

Baumgarten.

Sois meu salvador e meu anjo, Tell!

Tell.

Da violência do governador bem vos salvo! Das aflições da tempestade, outro há de ajudar. Melhor é cair nas mãos de Deus do que nas dos homens!

(Ao Pastor.)

Conterrâneo, consolai minha mulher, se me acontecer coisa humana. Fiz aquilo que não podia deixar de fazer.

(Salta para dentro do bote.)

Kuoni (ao Pescador).

Vós sois mestre no leme. Aquilo em que Tell confia, não pudestes ousar?

Ruodi.

Homens melhores não fariam o que Tell faz; não há dois como ele nas montanhas.

Werni (subiu ao rochedo).

Ele já empurra o bote. Deus te ajude, bravo barqueiro! Vede como a barquinha oscila sobre as ondas!

Kuoni (à margem).

A vaga passou por cima. Já não a vejo. Mas, espera, lá está de novo! Com vigor o valente abre caminho pela rebentação.

Seppi.

Os cavaleiros do governador vêm a galope.

Kuoni.

Deus sabe que são eles! Foi socorro na hora extrema.

Um grupo de cavaleiros de Landenberg.

Primeiro Cavaleiro.

Entregai o assassino que escondestes!

Segundo Cavaleiro.

Foi por este caminho; em vão o ocultais.

Kuoni e Ruodi.

Quem quereis dizer, cavaleiros?

Primeiro Cavaleiro (descobre a barca).

Ah, que vejo! Diabo!

Werni (do alto).

É aquele no bote que procurais? Ide atrás! Se cavalgades depressa, ainda o alcançareis.

Segundo Cavaleiro.

Maldito! Escapou.

Primeiro Cavaleiro (ao Pastor e ao Pescador).

Vós o ajudastes a fugir. Havereis de pagar por isso. Atacai o rebanho deles! Derrubai a cabana, queimai, golpeai!

(Saem apressados.)

Seppi (precipita-se atrás deles).

Ah, meus cordeiros!

Kuoni (segue-o).

Ai de mim, meu rebanho!

Werni.

Os furiosos!

Ruodi (torcendo as mãos).

Justiça do céu! Quando virá o salvador desta terra?

(Segue-os.)

Segunda cena.

Em Steinen, em Schwytz, uma tília diante da casa de Stauffacher, à beira da estrada, junto à ponte.

Werner Stauffacher e o Pífero de Lucerna entram conversando.

Pífero.

Sim, sim, senhor Stauffacher, como vos disse. Não jureis à Áustria, se puderdes evitá-lo. Mantende-vos firmes junto ao Império, como até agora. Deus vos proteja em vossa antiga liberdade!

(Aperta-lhe cordialmente a mão e quer partir.)

Stauffacher.

Ficai ao menos até que venha minha dona da casa. Sois meu hóspede em Schwytz, como sou o vosso em Lucerna.

Pífero.

Muitas graças! Preciso ainda alcançar Gersau hoje. Por mais duro que seja o que tendes de sofrer da cobiça e da fúria deste governador, suportai com paciência! Tudo pode mudar, depressa; outro imperador pode chegar ao trono. Quando fordes da Áustria, sereis dela para sempre.

(Sai. Stauffacher senta-se, cheio de aflição, num banco sob a tília. Assim o encontra Gertrud, sua mulher, que se põe ao lado dele e o contempla algum tempo em silêncio.)

Gertrud.

Tão grave, meu amigo? Já não te reconheço. Há muitos dias vejo, calada, como sombria tristeza enrugando tua fronte. Um mal silencioso te oprime o coração. Confia-o a mim: sou tua fiel mulher, e reclamo minha metade de tua dor.

(Stauffacher estende-lhe a mão e cala-se.)

Que pode apertar teu coração? Dize-me. Abençoado é teu trabalho, tua fortuna floresce; cheios estão os celeiros, e as manadas de bois, a raça bem nutrida dos cavalos lisos, voltaram felizes das montanhas para passar o inverno nos estábulos cômodos. Ali está tua casa, rica como morada nobre; foi recém-construída de belas madeiras e ajustada com ordem segundo a medida. Muitas janelas a fazem brilhar, habitável, clara; está pintada com escudos coloridos e provérbios sábios, que o viajante lê, detendo-se, e cujo sentido admira.

Stauffacher.

A casa está bem construída e ajustada, mas, ah, vacila o chão sobre o qual a erguemos.

Gertrud.

Meu Werner, dize-me, como entendes isso?

Stauffacher.

Diante desta tília eu estava sentado outro dia, como hoje, pensando alegremente no belo trabalho acabado, quando de Kűßnacht, seu castelo, veio o governador cavalgando com seus homens de armas. Diante desta casa ele parou, admirado; eu me ergui depressa e, submisso, como convém, fui ao encontro do senhor que representa na terra o poder judicial do imperador. “De quem é esta casa?”, perguntou ele com má intenção, pois bem o sabia. Mas eu, pensando depressa, respondi assim: “Esta casa, senhor governador, é de meu senhor, o imperador, e vossa, e meu feudo.” Então ele replicou: “Sou regente na terra em lugar do imperador e não quero que o camponês construa casas por própria mão, vivendo assim tão livre como se fosse senhor nesta terra. Hei de atrever-me a impedir-vos isso.” Dizendo tais palavras, cavalgou dali com arrogância; eu fiquei com a alma aflita, pensando na palavra que o perverso dissera.

Gertrud.

Meu querido senhor e esposo! Podes ouvir uma palavra honesta de tua mulher? Tenho orgulho de ser filha do nobre Iberg, homem de grande experiência. Nós, irmãs, ficávamos fiando lã nas longas noites, quando junto de meu pai se reuniam os chefes do povo, liam os pergaminhos dos antigos imperadores e ponderavam o bem da terra em conversa sensata. Atenta, ouvi ali muita palavra sábia, o que pensa o prudente, o que deseja o bom, e guardei tudo em silêncio no coração. Ouve, pois, e atenta em minha fala! Aquilo que te oprimia, vê, eu já sabia há muito. O governador guarda rancor contra ti, gostaria de ferir-te, pois tu és obstáculo para que o homem de Schwytz se submeta à nova casa principesca, em vez de permanecer fiel e firme junto ao Império, como os dignos antepassados sempre mantiveram e fizeram. Não é assim, Werner? Dize, se minto!

Stauffacher.

Assim é; esse é o rancor de Geßler contra mim.

Gertrud.

Ele te inveja porque moras feliz, homem livre em tua própria herança. Pois ele não tem nenhuma. Do próprio imperador e do Império tens esta casa em feudo; podes mostrá-la tão bem quanto o príncipe imperial mostra suas terras,

pois acima de ti não reconheces senhor senão o mais alto da cristandade. Ele é apenas filho mais novo de sua casa; nada chama seu além de seu manto de cavaleiro. Por isso contempla a felicidade de todo homem honrado com olhos oblíquos de inveja venenosa. A ti ele jurou há muito a ruína. Ainda estás intacto. Queres esperar até que ele satisfaça em ti seu mau desejo? O homem prudente previne.

Stauffacher.

Que se há de fazer?

Gertrud (aproxima-se).

Escuta meu conselho! Sabes como aqui, em Schwytz, todos os homens retos se queixam da cobiça e da fúria deste governador. Então não duvides de que lá também, em Unterwalden e na terra de Uri, estejam cansados da opressão e do duro jugo. Pois, como Geßler age aqui, assim age com insolência Landenberg, lá do outro lado do lago. Não chega até nós um só barco de pescador que não anuncie nova desgraça e novo ato de violência dos governadores. Seria bom, pois, que alguns de vós, homens de intenção reta, entrassem em conselho discreto para ver como poderiam livrar-se da opressão. Acredito bem que Deus não vos abandonaria e seria benigno com a causa justa. Não tens em Uri algum amigo hospitaleiro, a quem possas abrir honestamente o coração?

Stauffacher.

Conheço muitos homens valentes lá, e grandes senhores de consideração, que me são secretos e de toda confiança.

(Levanta-se.)

Mulher, que tempestade de pensamentos perigosos despertas em meu peito quieto! Viraste-me o íntimo para a luz do dia, e aquilo que em silêncio eu me proibia pensar, tu o dizes com língua leve e audaz. Pensaste bem no que me aconselhas? Chamas a discórdia selvagem e o som das armas a este vale acostumado à paz. Ousaríamos nós, povo fraco de pastores, entrar em luta contra o senhor do mundo? Eles esperam apenas a aparência favorável para soltar sobre esta pobre terra as hordas selvagens de seu poder de guerra, para agir aqui com os direitos do vencedor e, sob aparência de justo castigo, apagar as antigas cartas de liberdade.

Gertrud.

Vós também sois homens, sabeis manejar o machado, e Deus ajuda o corajoso!

Stauffacher.

Ó mulher! Horror terrível e furioso é a guerra; ela golpeia o rebanho e o pastor.

Gertrud.

É preciso suportar o que o céu envia; mas injustiça não suporta coração nobre.

Stauffacher.

Esta casa te alegra, que nós recém-construímos. A guerra imensa a reduzirá a cinzas.

Gertrud.

Se eu soubesse meu coração preso a bem passageiro, eu mesma lançaria fogo nela com minha própria mão.

Stauffacher.

Tu acreditas em humanidade! A guerra não poupa nem a tenra criança no berço.

Gertrud.

A inocência tem um amigo no céu! Olha para a frente, Werner, não para trás!

Stauffacher.

Nós, homens, podemos morrer lutando com bravura; mas que destino será o vosso?

Gertrud.

A última escolha está aberta também ao mais fraco: um salto desta ponte me fará livre.

Stauffacher (precipita-se em seus braços).

Quem aperta tal coração contra o peito pode combater alegre por lar e fazenda, e não teme o poder militar de rei algum. Partirei para Uri agora mesmo, de pé firme. Lá vive um amigo hospitaleiro meu, o senhor Walther Fürst, que pensa destes tempos como eu. Também encontrarei ali o nobre porta-estandarte de Attinghausen, que, embora de alta estirpe, ama o povo e honra os antigos costumes. Com esses dois deliberarei como se pode resistir com coragem aos inimigos da terra. Fica bem; e, enquanto eu estiver longe, governa a casa com espírito prudente. Ao peregrino que vai ao santuário, ao monge piedoso que recolhe para seu mosteiro, dá com largueza e despede-o bem cuidado. A casa de Stauffacher não se esconde. Fica à beira da estrada aberta, teto hospitaleiro para todos os viajantes que seguem caminho.

(Enquanto se afastam para o fundo, Wilhelm Tell entra à frente da cena com Baumgarten.)

Tell (a Baumgarten).

Já não precisais mais de mim. Entrai naquela casa; ali mora Stauffacher, um pai dos oprimidos. Mas vede, é ele mesmo. Segui-me, vinde!

(Vão ao encontro dele; a cena se transforma.)

Terceira cena.

Praça pública em Altorf.

Sobre uma elevação ao fundo, vê-se uma fortaleza em construção, já adiantada o bastante para que se reconheça a forma do conjunto. A parte traseira está pronta; na dianteira ainda se trabalha. O andaime continua de pé, e por ele sobem e descem os operários; no telhado mais alto está pendurado o assentador de ardósia. Tudo é movimento e trabalho.

Feitor da Corveia. Mestre Pedreiro. Oficiais e Serventes.

Feitor da Corveia

(com o bastão, impelindo os trabalhadores).

Nada de repouso demorado, depressa! As pedras para cá! Tragam a cal, tragam a argamassa, para que, quando vier o senhor governador, veja a obra crescida! Isto se arrasta como caracóis!

(A dois serventes que carregam.)

Chamais isso de carga? O dobro, já! Como esses vadios roubam de seu dever!

Primeiro Oficial.

É duro que tenhamos nós mesmos de transportar as pedras para nosso jugo e cárcere!

Feitor da Corveia.

Que murmurais? Este é um povo ruim, sem préstimo para nada além de ordenhar gado e andar à toa, preguiçoso, pelas montanhas.

Velho (descansando).

Não posso mais.

Feitor da Corveia (sacode-o).

Depressa, velho, ao trabalho!

Primeiro Oficial.

Não tendes víscera alguma, para impelir ao duro serviço obrigatório um ancião que mal consegue arrastar a si mesmo?

Mestre Pedreiro e Oficiais.

Isto brada aos céus!

Feitor da Corveia.

Cuidai de vós; eu faço o que cabe ao meu ofício.

Segundo Oficial.

Feitor, como se chamará a fortaleza que estamos construindo?

Feitor da Corveia.

Zwing Uri deverá chamar-se, pois sob este jugo vos dobrarão.

Oficiais.

Zwing Uri!

Feitor da Corveia.

Ora, que há nisso para rir?

Segundo Oficial.

Com esta casinha quereis subjugar Uri?

Primeiro Oficial.

Vejamos quantos desses montículos de toupeira será preciso empilhar uns sobre os outros até que se faça um monte deles, ainda que seja o menor de Uri!

(O Feitor da Corveia vai para o fundo.)

Mestre Pedreiro.

Ao lago mais fundo lançarei o martelo que me serviu neste edifício maldito!

Entram Tell e Stauffacher.

Stauffacher.

Ah, antes nunca tivesse vivido para ver isto!

Tell.

Não é bom ficar aqui. Vamos adiante.

Stauffacher.

Estou em Uri, na terra da liberdade?

Mestre Pedreiro.

Ah, senhor, se tivésseis visto os calabouços sob as torres! Sim, quem morar ali não ouvirá mais cantar o galo.

Stauffacher.

Ó Deus!

Pedreiro.

Vede estes flancos, estes contrafortes; estão de pé como se construídos para a eternidade!

Tell.

O que mãos construíram, mãos podem derrubar.

(Apontando para as montanhas.)

A casa da liberdade foi Deus quem nos fundou.

(Ouve-se um tambor. Entram pessoas que trazem um chapéu sobre uma haste; um Arauto segue-as. Mulheres e crianças entram em tumulto.)

Primeiro Oficial.

Que quer o tambor? Prestai atenção!

Mestre Pedreiro.

Que espécie de desfile de carnaval é este, e para que serve o chapéu?

Arauto.

Em nome do imperador! Ouvi!

Oficiais.

Silêncio, ouvi!

Arauto.

Vedes este chapéu, homens de Uri! Será erguido sobre alta coluna, no meio de Altorf, no lugar mais alto, e esta é a vontade e determinação do governador: ao chapéu será prestada a mesma honra que a ele próprio. Deve-se venerá-lo de joelho dobrado e cabeça descoberta. Por isso o rei reconhecerá os obedientes. Quem desprezar o mandamento perderá corpo e bens para o rei.

(O povo ri alto; o tambor rufa, e eles passam.)

Primeiro Oficial.

Que nova coisa inaudita inventou o governador! Venerarmos um chapéu! Dizei! Já se ouviu coisa semelhante?

Mestre Pedreiro.

Dobramos os joelhos diante de um chapéu? Ele brinca com gente séria e honrada?

Primeiro Oficial.

Ainda se fosse a coroa imperial! Mas é o chapéu da Áustria; vi-o pendurado sobre o trono onde se concedem os feudos!

Mestre Pedreiro.

O chapéu da Áustria! Prestai atenção, é uma cilada para nos traír à Áustria!

Oficiais.

Nenhum homem honrado se curvará a tal vergonha!

Mestre Pedreiro.

Vinde, vamos combinar com os outros.

(Saem para o fundo.)

Tell (a Stauffacher).

Agora sabeis o que se passa. Ficai bem, senhor Werner!

Stauffacher.

Aonde ides? Ah, não vos apresseis assim.

Tell.

Minha casa sente falta do pai. Ficai bem.

Stauffacher.

Meu coração está tão cheio, queria falar convosco.

Tell.

O coração pesado não se torna leve com palavras.

Stauffacher.

Mas palavras poderiam levar-nos a atos.

Tell.

O único ato agora é paciência e silêncio.

Stauffacher.

Deve-se suportar o que é insuportável?

Tell.

Os senhores apressados são os que reinam pouco. Quando o föhn se ergue de suas gargantas, apagam-se os fogos, os barcos buscam às pressas o porto, e o espírito poderoso passa sobre a terra sem dano e sem vestígio. Cada um viva quieto em sua própria casa; ao pacífico concedem de bom grado a paz.

Stauffacher.

Pensais assim?

Tell.

A serpente não pica se não for provocada. Por fim eles próprios hão de cansar-se, quando virem as terras permanecerem tranquilas.

Stauffacher.

Poderíamos muito, se ficássemos unidos.

Tell.

No naufrágio, o indivíduo se salva mais facilmente.

Stauffacher.

Assim abandonais com tanta frieza a causa comum?

Tell.

Cada um só pode contar com segurança consigo mesmo.

Stauffacher.

Unidos, também os fracos se tornam poderosos.

Tell.

O forte é mais poderoso sozinho.

Stauffacher.

Então a pátria não pode contar convosco, se, desesperada, recorrer à defesa extrema?

Tell (dá-lhe a mão).

Tell vai buscar no abismo um cordeiro perdido e se retiraria de seus amigos? Mas, seja o que fizerdes, deixai-me fora de vosso conselho! Não sei examinar

nem escolher por muito tempo; se precisardes de mim para ação definida, chamai Tell, e não faltarei.

(Saem por lados diferentes. Forma-se de súbito uma agitação em torno do andaime.)

Mestre Pedreiro (corre até lá).

Que há?

Primeiro Oficial (vem à frente, gritando).

O assentador de ardósia caiu do telhado.

Bertha entra às pressas. Séquito.

Bertha.

Foi esmagado? Correi, salvai, ajudai! Se há auxílio possível, salvai-o, aqui há ouro!

(Atira suas joias entre o povo.)

Mestre.

Com vosso ouro... tudo para vós se vende por ouro. Quando arrançais o pai aos filhos e o homem à mulher, quando trazeis miséria ao mundo, pensais compensá-la com ouro. Ide! Éramos gente feliz antes que viésseis; convosco entrou o desespero.

Bertha (ao Feitor da Corveia, que volta).

Ele vive?

(O Feitor faz sinal negativo.)

Ó castelo infeliz, construído com maldições, e maldições habitarão em ti!

(Sai.)

Quarta cena.

Morada de Walther Fürst.

Walther Fürst e Arnold vom Melchthal entram ao mesmo tempo, por lados diferentes.

Melchthal.

Senhor Walther Fürst...

Walther Fürst.

E se nos surpreendessem! Ficai onde estais. Estamos cercados de espíões.

Melchthal.

Não me trazeis nada de Unterwalden? Nada de meu pai? Já não suporto ficar aqui ocioso como um prisioneiro. Que fiz eu de tão criminoso para me esconder como assassino? Ao atrevido criado que, por ordem do governador, quis levar-me diante dos olhos os bois, a excelente junta, quebrei-lhe o dedo com o bastão.

Walther Fürst.

Fostes precipitado. O criado era do governador; foi enviado por vossa autoridade. Havias caído em pena, devíeis, por pesada que fosse, submeter-vos em silêncio à multa.

Melchthal.

Devia eu suportar a palavra leviana do insolente: “Se o camponês quer comer pão, que puxe ele mesmo o arado!” Cortou-me a alma quando o criado desatrelou do arado os bois, os belos animais; eles mugiram surdos, como se tivessem sentimento da injúria, e feriram com os chifres. Então me tomou a justa cólera, e, fora de mim, golpeei o mensageiro.

Walther Fürst.

Ah, mal conseguimos dominar o próprio coração; como há de conter-se a juventude impetuosa!

Melchthal.

Só me compadeço de meu pai. Ele necessita tanto de cuidado, e seu filho está longe. O governador o odeia, porque ele sempre lutou honestamente por direito e liberdade. Por isso irão oprimir o velho, e não há ninguém que o proteja de insultos. Venha sobre mim o que vier, preciso ir para lá.

Walther Fürst.

Esperai apenas, e firmai-vos na paciência, até que alguma notícia nos venha da floresta. Ouço bater. Ide. Talvez seja um mensageiro do governador. Entrai. Vós não estais seguro em Uri contra o braço de Landenberg, pois os tiranos dão as mãos uns aos outros.

Melchthal.

Eles nos ensinam o que deveríamos fazer.

Walther Fürst.

Ide! Chamarei de novo quando estiver seguro aqui.

(Melchthal entra.)

O infeliz! Não posso confessar-lhe o mal que pressinto. Quem bate? Sempre que a porta range, espero uma desgraça. Traição e suspeita espreitam em todos os cantos; até o mais íntimo das casas penetram os mensageiros da violência. Em breve será preciso que tenhamos fechaduras e ferrolhos nas portas.

(Abre e recua espantado quando Werner Stauffacher entra.)

Que vejo? Vós, senhor Werner! Ora, por Deus! Hóspede digno e querido; homem melhor jamais passou por esta soleira. Sede muito bem-vindo sob meu teto! Que vos traz aqui? Que buscais em Uri?

Stauffacher (estendendo-lhe a mão).

Os velhos tempos e a velha Suíça.

Walther Fürst.

Vós os trazeis convosco. Vede, sinto-me bem; o coração se aquece em mim ao ver-vos. Sentai-vos, senhor Werner. Como deixastes dona Gertrud, vossa agradável esposa, a filha tão sensata do sábio Iberg? De todos os viajantes da terra alemã que passam por Meinrads Zell rumo à Itália, cada qual louva vossa casa hospitaleira. Mas dizei: vindes agora mesmo de Flüelen e não olhastes em volta em nenhum lugar antes de pôr o pé nesta soleira?

Stauffacher (senta-se).

Vi uma obra espantosamente nova preparar-se, e ela não me alegrou.

Walther Fürst.

Ah, amigo, captastes tudo num só olhar!

Stauffacher.

Coisa assim nunca houve em Uri. Desde que se tem memória humana, não houve tribunal de jugo aqui, e morada sólida não havia, senão o túmulo.

Walther Fürst.

É um túmulo da liberdade! Vós lhe dais o nome.

Stauffacher.

Senhor Walther Fürst, não quero ocultar-vos: não é curiosidade ociosa que me traz aqui. Pesadas preocupações me oprimem. Deixei aflição em casa, encontro aflição aqui. Pois é de todo intolerável aquilo que suportamos, e não se vê fim para esta opressão. Livre foi o suíço desde os tempos antigos; estamos acostumados a que nos tratem bem. Coisa assim nunca se viveu nesta terra, desde que pastor algum conduziu rebanhos nestas montanhas.

Walther Fürst.

Sim, não há exemplo do modo como procedem! Também nosso nobre senhor de Attinghausen, que ainda viu os antigos tempos, ele mesmo pensa que já não se pode suportar.

Stauffacher.

Também lá, sob a floresta, acontecem coisas duras, e paga-se com sangue. Wolfenschießen, governador do imperador, que morava no Roßberg, teve desejo de fruto proibido; quis abusar, com insolência atrevida, da mulher de Baumgarten, que vive em Alzellen, e o homem o matou com o machado.

Walther Fürst.

Ah, os juízos de Deus são justos! Baumgarten, dizeis? Homem modesto! Está salvo, porém, e bem abrigado?

Stauffacher.

Vosso genro o fez fugir pelo lago; em minha casa, em Steinen, mantenho-o escondido. Coisa ainda mais horrenda esse mesmo homem me contou, do que aconteceu em Sarnen. O coração há de sangrar em todo homem honrado.

Walther Fürst (atento).

Dizei, que é?

Stauffacher.

No Melchthal, ali onde se entra por Kerns, mora um homem justo, chamam-no Heinrich von der Halden, e sua voz vale algo na comunidade.

Walther Fürst.

Quem não o conhece? Que se passa com ele? Terminai!

Stauffacher.

Landenberg multou seu filho por pequena falta; mandou-lhe desatrejar do arado os bois, o melhor par. Então o rapaz feriu o criado e fugiu.

Walther Fürst (em extrema tensão).

E o pai? Dizei, que foi do pai?

Stauffacher.

Landenberg mandou chamar o pai, para que lhe entregasse o filho; e, como o velho jurou com verdade não saber do fugitivo, o governador mandou vir os algozes da tortura...

Walther Fürst

(salta e quer levá-lo para o outro lado).

Ah, silêncio, nada mais!

Stauffacher (em tom crescente).

“Se o filho me escapou, tenho a ti!” Mandou lançá-lo ao chão e cravar-lhe o aço pontudo nos olhos...

Walther Fürst.

Céu misericordioso!

Melchthal (precipita-se para fora).

Nos olhos, dissestes?

Stauffacher (espantado, a Walther Fürst).

Quem é o jovem?

Melchthal

(agarra-o com violência convulsiva).

Nos olhos? Falai!

Walther Fürst.

Ó digno de compaixão!

Stauffacher.

Quem é?

(Walther Fürst lhe faz sinal.)

É o filho? Deus de toda justiça!

Melchthal.

E eu tive de estar longe! Em ambos os olhos?

Walther Fürst.

Dominai-vos! Suportai-o como homem!

Melchthal.

Por minha culpa, por meu delito! Cego, então! Verdadeiramente cego, inteiramente cegado?

Stauffacher.

Eu o disse. A fonte da visão se derramou; ele nunca mais verá a luz do sol.

Walther Fürst.

Poupei sua dor!

Melchthal.

Nunca! Nunca mais!

(Aperta a mão sobre os olhos e cala-se por alguns instantes; depois se volta de um para outro e fala com voz branda, sufocada pelas lágrimas.)

Ó, nobre dom celeste é a luz dos olhos. Todos os seres vivem da luz, toda criatura feliz. A própria planta se volta alegre para a luz. E ele deve ficar sentado, sentindo, na noite, na escuridão eterna. Já não o refresca o verde quente dos prados, o brilho das flores; já não pode contemplar os nevados vermelhos. Morrer não é nada; viver e não ver, isso é desgraça. Por que me olhais assim, compadecidos? Tenho dois olhos frescos e não posso dar nenhum ao pai cego, nem sequer um lampejo do mar de luz que, esplêndido e ofuscante, me entra pelos olhos.

Stauffacher.

Ah, devo ainda aumentar vosso sofrimento, em vez de curá-lo. Ele precisa ainda de mais! Pois tudo lhe roubou o governador; nada lhe deixou senão o bastão, para mendigar nu e cego de porta em porta.

Melchthal.

Nada senão o bastão ao velho sem olhos! Tudo roubado, e também a luz do sol, bem comum até do mais pobre. Agora ninguém me fale mais de ficar, de esconder-me! Que covarde miserável sou eu, por ter pensado em minha segurança e não na tua! Deixei tua cabeça amada como penhor nas mãos do furioso! Cautela covarde, vai-te embora. Em nada pensarei senão em sangrenta reparação. Para lá quero ir. Ninguém me deterá. Quero reclamar do governador os olhos de meu pai. De entre todos os seus cavaleiros hei de encontrá-lo. Nada me importa a vida, se eu puder esfriar esta dor ardente e monstruosa no sangue vital dele.

(Quer sair.)

Walther Fürst.

Ficai! Que podeis contra ele? Está em Sarnen, em sua alta fortaleza senhorial, e zomba da cólera impotente em seu castelo seguro.

Melchthal.

Ainda que morasse lá em cima, no palácio de gelo do Schreckhorn, ou mais alto, onde a Jungfrau se senta velada desde a eternidade, abrirei caminho até ele; com vinte jovens animados como eu, quebrarei sua fortaleza. E se ninguém me seguir, se todos vós, temendo por vossas cabanas e rebanhos, vos curvades ao jugo do tirano, chamarei os pastores nas montanhas, lá, sob o teto

livre do céu, onde o espírito ainda é fresco e o coração sadio; contarei o horror imenso.

Stauffacher (a Walther Fürst).

Chegou ao auge. Queremos esperar até o extremo...

Melchthal.

Que extremo ainda há a temer, se a estrela do olho já não está segura em sua órbita? Estamos, então, sem defesa? Para que aprendemos a estender a besta e a brandir o peso grave do machado de guerra? A cada ser foi dada uma arma de emergência na angústia do desespero. O cervo exausto se planta e mostra à matilha sua temida galhada; a camurça arrasta o caçador ao abismo; o próprio boi do arado, manso companheiro do homem, que dobrou paciente a força enorme do pescoço sob o jugo, salta, provocado, afia seu chifre poderoso e arremessa o inimigo às nuvens.

Walther Fürst.

Se os três países pensassem como nós três, talvez pudéssemos alguma coisa.

Stauffacher.

Se Uri ajudar, se Unterwalden ajudar, o homem de Schwytz honrará as antigas alianças.

Melchthal.

Grande é minha amizade em Unterwalden, e cada um arriscará alegremente corpo e sangue, quando tiver no outro apoio e proteção. Ó piedosos pais desta terra! Estou aqui, apenas um jovem, entre vós, homens de tanta experiência. Minha voz deve calar-se modestamente na Landsgemeinde. Mas não desprezeis meu conselho e minha fala por eu ser jovem e ter vivido pouco; não é sangue juvenil desejoso que me impele, mas a força dolorosa da mais alta miséria, capaz de comover até a pedra do rochedo. Vós mesmos sois pais, chefes de uma casa, e desejais um filho virtuoso, que honre os cabelos sagrados de vossa cabeça e guarde piedosamente a estrela de vossos olhos. Ah, porque vós mesmos ainda nada sofrestes em corpo e bens, porque vossos olhos ainda se movem frescos e claros em suas órbitas, não vos seja estranha nossa angústia. Também sobre vós pende a espada do tirano: afastastes a terra da Áustria; nenhuma outra foi a culpa de meu pai. Estais na mesma culpa e

condenação.

Stauffacher (a Walther Fürst).

Decidi vós! Estou pronto a seguir.

Walther Fürst.

Queremos ouvir o que aconselham os nobres senhores de Sillinen e de Attinghausen. Seu nome, penso, há de conquistar-nos amigos.

Melchthal.

Que nome há nas montanhas da floresta mais venerável que o vosso e o vosso? Na moeda verdadeira de tais nomes acredita o povo; eles têm bom som na terra. Tendes rica herança de virtude paterna e vós mesmos a aumentastes fartamente. Para que o nobre? Deixai que nós concluamos sozinhos! Quem dera estivéssemos sozinhos na terra! Creio que saberíamos defender-nos por nós mesmos.

Stauffacher.

Os nobres não são apertados pela mesma necessidade que nós. A torrente que se enfurece nas baixadas até agora não alcançou as alturas. Mas seu auxílio não nos faltará quando virem a terra em armas.

Walther Fürst.

Se houvesse um árbitro entre nós e a Áustria, poderiam decidir o direito e a lei. Mas aquele que nos oprime é nosso imperador e juiz supremo. Então Deus deve ajudar-nos por nosso braço. Investigai vós os homens de Schwytz; eu angariarei amigos em Uri. Mas quem enviaremos a Unterwalden?

Melchthal.

Enviai-me. A quem caberia mais de perto?

Walther Fürst.

Não o consinto; sois meu hóspede, devo garantir vossa segurança!

Melchthal.

Deixai-me! Conheço os atalhos e os caminhos de rochedo; também encontrarei amigos em número bastante, que me escondam do inimigo e me

deem abrigo com gosto.

Stauffacher.

Deixai-o ir com Deus para o outro lado. Ali não há traidor; tão odiada é a tirania que não encontra instrumento. Também o homem de Alzellen há de conquistar-nos companheiros sob a floresta e agitar a terra.

Melchthal.

Como traremos notícia segura uns aos outros, enganando a suspeita dos tiranos?

Stauffacher.

Poderíamos reunir-nos em Brunnen ou em Treib, onde aportam os barcos mercantes.

Walther Fürst.

Não podemos conduzir a obra tão às claras. Escutai minha opinião. À esquerda do lago, quando se vai para Brunnen, bem defronte do Mythenstein, há um prado oculto no bosque; Rütli o chama o povo dos pastores, porque ali a mata foi arrancada. Ali é onde nossa divisa e a vossa...

(A Melchthal.)

se encontram; e em breve travessia...

(A Stauffacher.)

o bote leve vos traz de Schwytz. Por caminhos desertos podemos ir até lá à noite e deliberar em silêncio. Que cada um leve dez homens de confiança, unidos de coração conosco; assim poderemos juntos tratar o que é comum e decidi-lo com Deus, de ânimo fresco.

Stauffacher.

Assim seja. Agora dai-me vossa honrada direita; vós, também, estendei a vossa; e assim como nós, três homens, agora entrelaçamos as mãos honestamente, sem falsidade, assim queremos nós, três países, permanecer unidos em defesa e resistência, na morte e na vida.

Walther Fürst e Melchthal.

Na morte e na vida.

(Mantêm ainda por alguns instantes as mãos entrelaçadas e calam-se.)

Melchthal.

Cego, velho pai, tu não podes mais ver o dia da liberdade; hás de ouvi-lo. Quando de alpe em alpe os sinais de fogo se erguerem flamejantes, quando caírem os castelos firmes dos tiranos, à tua cabana o suíço há de acorrer, levar a alegre notícia ao teu ouvido, e claro em tua noite há de amanhecer!

(Separam-se.)

SEGUNDO ATO

Primeira cena.

Solar nobre do Barão de Attinghausen.

Um salão gótico, ornado de escudos e elmos. O Barão, ancião de oitenta e cinco anos, de estatura alta e nobre, apoiado num bastão encimado por um chifre de camurça, vestido com um gibão de pele. Kuoni e mais seis criados estão em volta dele, com ancinhos e foices. Ulrich von Rudenz entra em trajes de cavaleiro.

Rudenz.

Aqui estou, tio. Qual é vossa vontade?

Attinghausen.

Permiti que, segundo o velho costume da casa, eu primeiro reparta o gole da manhã com meus criados.

(Bebe de uma taça, que depois passa de mão em mão.)

Outrora eu mesmo ia com eles ao campo e à floresta, governando com meus olhos seu trabalho, como meu estandarte os guiava na batalha. Agora nada mais posso fazer senão o despenseiro; e, se o sol quente não vem até mim, já não posso buscá-lo nas montanhas. E assim, em círculo cada vez mais estreito, vou-me movendo lentamente para o mais estreito e último, onde toda vida se detém. Sou apenas minha sombra; em breve, apenas meu nome.

Kuoni (a Rudenz, com a taça).

Trago-vos o gole, jovem senhor.

(Como Rudenz hesita em tomar a taça.)

Bebei sem receio! Vem de uma só taça e de um só coração.

Attinghausen.

Ide, filhos; e, quando for o fim do dia, também falaremos dos negócios da terra.

(Os criados saem.)

Attinghausen e Rudenz.

Attinghausen.

Vejo-te cingido e armado; queres ir a Altorf, ao castelo senhorial?

Rudenz.

Sim, tio, e não devo demorar mais.

Attinghausen (senta-se).

Tens tanta pressa? Como? À tua juventude foi medido tempo tão escasso que precisas poupá-lo de teu velho tio?

Rudenz.

Vejo que não precisais de mim; sou apenas um estranho nesta casa.

Attinghausen

(fita-o longamente com os olhos).

Sim, infelizmente o és. Infelizmente a pátria se tornou terra estrangeira para ti. Uly! Uly! Já não te reconheço. Resplandesces em seda, ostentas com orgulho a pluma de pavão e lanças sobre os ombros o manto purpúreo. Olhas o camponês com desprezo e te envergonhas de sua saudação cordial.

Rudenz.

Dou-lhe de boa vontade a honra que lhe cabe; o direito que ele toma para si, nego-lhe.

Attinghausen.

Toda a terra jaz sob a pesada ira do rei. O coração de todo homem honrado está cheio de aflição por causa da violência tirânica que suportamos. Só a ti não comove a dor comum. A ti se vê, apóstata dos teus, do lado do inimigo da terra, escarnecendo de nossa aflição, correndo atrás de alegrias leves e cortejando o favor dos príncipes, enquanto tua pátria sangra sob duro flagelo.

Rudenz.

A terra está duramente oprimida. Mas por quê, meu tio? Quem a lançou nesta aflição? Custaria uma única palavra fácil vermo-nos livres da pressão num instante e conquistarmos um imperador benigno. Ai daqueles que tapam

os olhos do povo, para que ele resista ao seu verdadeiro bem. Por interesse próprio, impedem que os cantões da floresta jurem à Áustria, como já fizeram todas as terras em redor. Agrada-lhes sentar-se no banco dos senhores ao lado do nobre; querem o imperador por senhor para não terem senhor algum.

Attinghausen.

Sou obrigado a ouvir isto, e de tua boca!

Rudenz.

Vós me chamastes a falar; deixai-me terminar. Que papel representais vós mesmo aqui, tio? Não tendes orgulho mais alto do que ser aqui Landammann ou porta-estandarte e governar ao lado destes pastores? Como? Não é escolha mais gloriosa prestar homenagem ao senhor real, unir-se ao seu campo esplêndido, do que ser par de vossos próprios criados e sentar-vos em juízo com o camponês?

Attinghausen.

Ah, Uly! Uly! Reconheço-a bem, a voz da sedução! Ela tomou teu ouvido aberto; envenenou teu coração!

Rudenz.

Sim, não o escondo. No fundo da alma dói-me o escárnio dos estrangeiros, que nos chamam nobreza camponesa. Não suporto que, enquanto a nobre juventude ao redor colhe honra sob as bandeiras dos Habsburgo, eu fique aqui, inútil, imóvel em minha herança, perdendo a primavera da vida em trabalho comum de todo dia. Em outras partes realizam-se feitos; um mundo de glória move-se brilhante além destas montanhas. Para mim, elmo e escudo enferrujam no salão. O som corajoso da trombeta de guerra, o chamado do arauto que convoca ao torneio, não penetram nestes vales. Nada ouço aqui senão o Kuhreihen e o repique monótono dos sinos do rebanho.

Attinghausen.

Cego, seduzido pelo brilho vão, despreza tua terra natal! Envergonha-te do antigo e piedoso costume de teus pais! Um dia, com lágrimas ardentes, sentirás saudade das montanhas paternas; e esta melodia do Kuhreihen, que agora rejeitas com soberbo fastio, há de tomar-te de dolorosa nostalgia quando te soar em terra estrangeira. Ah, poderoso é o impulso da pátria! O mundo

estrangeiro, falso, não é para ti. Lá, na corte soberba do imperador, ficarás eternamente estranho a ti mesmo, com teu coração fiel. O mundo exige outras virtudes que as que conquistaste nestes vales. Vai, pois; vende tua alma livre, toma terra em feudo, torna-te criado de príncipe, quando poderias ser senhor de ti mesmo e príncipe em tua própria herança, em solo livre. Ah, Uly! Uly! Fica com os teus! Não vás a Altorf. Ah, não abandones a causa sagrada de tua pátria! Sou o último de minha estirpe. Meu nome termina comigo. Ali pendem elmo e escudo; hão de colocá-los comigo no túmulo. E devo pensar, ao dar meu último alento, que tu apenas esperas meu olhar se quebrar para ires diante desta nova corte feudal e receberes da Áustria os bens nobres que recebi livres de Deus?

Rudenz.

Em vão resistimos ao rei. O mundo lhe pertence. Havemos nós sozinhos de nos enrijecer, obstinados, e romper a cadeia de terras que ele poderosamente lançou ao nosso redor? Dele são os mercados, os tribunais; dele são as estradas dos mercadores, e até o cavalo de carga que sobe ao Gotthard deve pagar-lhe tributo. Por suas terras, como por uma rede, estamos enredados e cercados em todos os lados. O Império nos protegerá? Pode ele mesmo proteger-se contra o poder crescente da Áustria? Se Deus não nos ajuda, nenhum imperador pode ajudar-nos. Que vale a palavra dos imperadores se, em necessidade de dinheiro e guerra, podem empenhar e alienar do Império as cidades que buscaram refúgio sob a proteção da águia? Não, tio! É benefício e sábia prudência, nestes tempos duros de divisão, unir-se a uma cabeça poderosa. A coroa imperial passa de estirpe em estirpe; ela não guarda memória de serviços fiéis. Mas merecer bem do poderoso senhor hereditário é lançar sementes no futuro.

Attinghausen.

És tão sábio assim? Queres ver mais claro que teus nobres pais, que pela pedra preciosa da liberdade lutaram com bens, sangue e força de heróis? Desce de barco até Lucerna; pergunta lá como pesa o domínio da Áustria sobre as terras. Virão contar nossas ovelhas e nossos bois, medir nossos Alpes, proibir o alto voo e a caça maior em nossas florestas livres, pôr suas cancelas em nossas pontes e portas, pagar com nossa pobreza suas compras de terras, com nosso sangue suas guerras. Não! Se tivermos de pôr nisso nosso sangue, que seja por nós. Mais barato compraremos a liberdade que a servidão!

Rudenz.

Que podemos nós, povo de pastores, contra os exércitos de Albrecht?

Attinghausen.

Aprende a conhecer este povo de pastores, rapaz! Eu o conheço; eu o conduzi em batalhas, eu o vi combater em Favenz. Que venham impor-nos um jugo que estamos decididos a não suportar! Ah, aprende a sentir de que estirpe vens! Não lances fora, por brilho vão e aparência dourada, a pérola verdadeira de teu valor. Ser chamado chefe de um povo livre, que por amor apenas se dedica a ti de coração, que permanece fiel junto de ti na luta e na morte: seja esse teu orgulho, dessa nobreza te gloria. Aperta firmemente os laços de nascimento, une-te à pátria, à querida pátria, e guarda-a firme com todo o coração. Aqui estão as raízes fortes de tua força; lá, no mundo estrangeiro, estás sozinho, cana vacilante que qualquer tempestade quebra. Ah, vem, há muito não nos vês. Experimenta ficar conosco por um só dia, só hoje. Não vás a Altorf hoje. Ouves? Hoje não. Dá esse único dia aos teus!

(Toma-lhe a mão.)

Rudenz.

Dei minha palavra. Deixai-me. Estou preso.

Attinghausen

(solta-lhe a mão, com gravidade).

Estás preso. Sim, infeliz, estás mesmo, mas não por palavra e juramento. Estás preso pelos laços do amor!

(Rudenz volta-se para outro lado.)

Esconde-te como quiseses. É a donzela, Bertha von Bruneck, que te atrai ao castelo senhorial, que te prende ao serviço do imperador. Queres conquistar a dama cavaleira com tua deserção da terra. Não te enganes! Para atrair-te, mostram-te a noiva; mas ela não está destinada à tua inocência.

Rudenz.

Já ouvi o bastante. Passai bem.

(Sai.)

Attinghausen.

Jovem insensato, fica! Ele se vai! Não posso retê-lo, não posso salvá-lo. Assim Wolfenschießen renegou sua terra; assim outros o seguirão. O encanto estrangeiro arranca a juventude e a força a passar além de nossas montanhas. Ah, hora infeliz em que o estrangeiro veio a estes vales quietos e ditosos destruir a inocência piedosa dos costumes!

O novo penetra com força; o antigo, o digno, retira-se; outros tempos vêm, vive uma geração de outro pensamento! Que faço eu aqui? Estão todos enterrados, aqueles com quem governei e vivi. Debaixo da terra já jaz meu tempo. Feliz aquele que já não precisa viver com o novo!

(Sai.)

Segunda cena.

Um prado cercado por altos rochedos e floresta.

Nos rochedos há trilhas com corrimãos, e também escadas, pelas quais depois se veem descer os camponeses. Ao fundo aparece o lago, sobre o qual, no começo, vê-se um arco-íris lunar. A perspectiva se fecha com altas montanhas, atrás das quais se erguem montes de gelo ainda mais altos. É noite plena na cena; apenas o lago e os glaciares brancos brilham ao luar.

Melchthal, Baumgarten. Winkelried, Meier von Sarnen, Burkhart am Bühel, Arnold von Sewa, Klaus von der Flüe e mais quatro camponeses, todos armados.

Melchthal (ainda fora da cena).

O caminho da montanha se abre. Vamos, segui-me! Reconheço o rochedo e a pequena cruz sobre ele; chegamos ao destino, aqui é o Rütli.

(Entram com lanternas de vento.)

Winkelried.

Escutai!

Sewa.

Tudo vazio.

Meier.

Ainda não há homem da terra aqui. Somos os primeiros no lugar, nós, os de Unterwalden.

Melchthal.

Que hora é da noite?

Baumgarten.

O vigia do fogo do Selisberg acaba de chamar duas horas.

(Ouve-se um sino ao longe.)

Meier.

Silêncio! Ouvi!

Am Bühel.

O sininho das matinas na capela da floresta soa claro, vindo da terra de Schwytz.

Von der Flüe.

O ar está puro e leva o som tão longe.

Melchthal.

Ide alguns e acendei gravetos, para que ardam em chama quando os homens chegarem.

(Dois camponeses saem.)

Sewa.

É uma bela noite de lua. O lago jaz tranquilo como um espelho plano.

Am Bühel.

Terão uma travessia fácil.

Winkelried (aponta para o lago).

Ah, vede! Vede ali! Não vedes nada?

Meier.

O quê? Sim, de fato! Um arco-íris no meio da noite!

Melchthal.

É a luz da lua que o forma.

Von der Flüe.

É um sinal estranho e maravilhoso! Há muitos vivos que nunca o viram.

Sewa.

É duplo; vede, há outro mais pálido acima.

Baumgarten.

Uma barca passa justamente por baixo dele.

Melchthal.

É Stauffacher com sua barca! O homem honrado não se faz esperar.

(Vai com Baumgarten para a margem.)

Meier.

Os de Uri são os que mais tardam.

Am Bühel.

Precisam contornar longe pela montanha, para enganar os espiões do governador.

(Enquanto isso, os dois camponeses acenderam uma fogueira no meio do lugar.)

Melchthal (à margem).

Quem vem? Dai a senha!

Stauffacher (de baixo).

Amigos da terra.

(Todos descem ao fundo, ao encontro dos que chegam. Da barca desembarcam Stauffacher, Itel Reding, Hans auf der Mauer, Jörg im Hofe, Konrad Hunn, Ulrich der Schmid, Jost von Weiler e mais três camponeses, igualmente armados.)

Todos (gritam).

Bem-vindos!

(Enquanto os demais permanecem ao fundo e se cumprimentam, Melchthal e Stauffacher avançam.)

Melchthal.

Ó senhor Stauffacher! Eu o vi, aquele que já não podia tornar a ver-me! Pus a mão sobre seus olhos, e bebi ardente sentimento de vingança do sol extinto de seu olhar.

Stauffacher.

Não faleis de vingança. Não queremos vingar o que já aconteceu, mas prevenir o mal ameaçado. Agora disse o que fizestes na terra de Unterwalden pela causa comum; como pensam os camponeses, e como vós mesmo escapastes aos laços da traição.

Melchthal.

Pelas montanhas terríveis de Surennen, por campos de gelo largamente estendidos e ermos, onde só grasna o abutre barbudo de voz rouca, cheguei à pastagem alpina onde os pastores de Uri e de Engelberg se saúdam ao longe e apascentam juntos, saciando a sede com o leite dos glaciares, que espuma descendo pelas fendas. Nas solitárias cabanas de pastores entrei, meu próprio anfitrião e hóspede, até chegar às moradas de homens que vivem em comunidade. Já ressoara nesses vales a notícia do novo horror acontecido, e piedoso respeito por minha desgraça abriu-me toda porta em que bati pelo caminho. Encontrei indignadas aquelas almas retas diante do novo regime violento; pois, assim como seus Alpes nutrem sempre as mesmas ervas, suas fontes fluem sempre iguais, e as próprias nuvens e ventos seguem imutáveis o mesmo rumo, também o antigo costume aqui passou, sem mudança, do avô ao neto. Não suportam inovação temerária no curso antigo e igual da vida. Estenderam-me as mãos duras, alcançaram das paredes as espadas enferrujadas, e dos olhos faiscou alegre sentimento de coragem quando nomeei os nomes que nas montanhas são sagrados ao camponês: o vosso e o de Walther Fürst. Aquilo que vos parecesse justo, juraram fazer; juraram seguir-vos até a morte. Assim corri seguro sob a proteção sagrada do direito de

hóspede, de granja em granja. E, quando cheguei ao vale natal, onde vivem espalhados tantos primos meus, quando encontrei meu pai, roubado e cego, sobre palha alheia, vivendo da misericórdia de homens caridosos...

Stauffacher.

Senhor do céu!

Melchthal.

Então não chorei! Não derramei em lágrimas impotentes a força da dor ardente. No fundo do peito, como tesouro precioso, fechei-a e pensei apenas em atos. Rastejei por todos os recantos da montanha; não havia vale tão escondido que eu não sondasse. Até ao pé gelado dos glaciares esperei e encontrei cabanas habitadas; e por toda parte aonde meu pé me levou encontrei o mesmo ódio à tirania. Pois até esse último limite da criação viva, onde o solo rígido deixa de dar sustento, rouba a cobiça dos governadores. Todos os corações desse povo honrado excitei com o aguilhão de minhas palavras, e todos são nossos, de coração e boca.

Stauffacher.

Fizestes grandes coisas em pouco tempo.

Melchthal.

Fiz ainda mais. São as duas fortalezas, Roßberg e Sarnen, que o camponês teme; pois atrás de suas muralhas de pedra o inimigo se protege facilmente e fere a terra. Quis investigá-lo com meus próprios olhos; estive em Sarnen e examinei o castelo.

Stauffacher.

Aventurastes-vos até a toca do tigre?

Melchthal.

Fui até lá disfarçado em trajes de peregrino; vi o governador refestelar-se à mesa. Julgai se sei dominar meu coração: vi o inimigo e não o matei.

Stauffacher.

Em verdade, a fortuna favoreceu vossa audácia.

(Enquanto isso, os outros camponeses avançaram e se aproximam dos dois.)

Mas agoraizei-me quem são os amigos e os homens justos que vos seguiram. Dai-mos a conhecer, para que nos aproximemos com confiança e abramos os corações.

Meier.

Quem não vos conhece, senhor, nos três países? Sou o Meier von Sarnen; este aqui é meu sobrinho, o Struth von Winkelried.

Stauffacher.

Não me dizeis nome desconhecido. Foi um Winkelried que matou o dragão no pântano junto a Weiler, e deixou a vida nesse combate.

Winkelried.

Foi meu antepassado, senhor Werner.

Melchthal (aponta para dois camponeses).

Estes moram atrás da floresta, são homens do mosteiro de Engelberg. Não os desprezareis por isso, por serem servos de outro e não, como nós, livres em sua herança. Eles amam a terra e são de boa fama.

Stauffacher (aos dois).

Dai-me a mão. Louve-se quem não deve a homem algum seu corpo sobre a terra; mas a retidão floresce em toda condição.

Konrad Hunn.

Este é o senhor Reding, nosso antigo Landammann.

Meier.

Conheço-o bem. É meu adversário num litígio por antiga herança. Senhor Reding, somos inimigos diante do tribunal; aqui estamos unidos.

(Aperta-lhe a mão.)

Stauffacher.

Isso foi dito com bravura.

Winkelried.

Ouvis? Eles vêm. Ouvi o corno de Uri!

(À direita e à esquerda veem-se homens armados, com lanternas de vento, descendo dos rochedos.)

Auf der Mauer.

Vede! Não é o próprio servo piedoso de Deus, o digno pároco, que desce conosco? Ele não teme as fadigas do caminho nem o horror da noite, pastor fiel a cuidar do povo.

Baumgarten.

O sacristão o segue, e o senhor Walther Fürst; mas não avisto Tell entre a multidão.

Walther Fürst, Rösselmann, o Pároco, Petermann, o Sacristão, Kuoni, o Pastor, Werni, o Caçador, Ruodi, o Pescador, e mais cinco camponeses. Todos juntos, trinta e três ao todo, avançam e se colocam em volta da fogueira.

Walther Fürst.

Assim temos de esgueirar-nos às escondidas em nossa própria herança e no solo de nossos pais, como fazem assassinos! E de noite, que empresta seu manto negro apenas ao crime e à conspiração que foge ao sol, temos de buscar nosso bom direito, que é límpido e claro como o seio aberto e brilhante do dia.

Melchthal.

Deixai estar. O que a noite escura fiou deve vir livre e alegre à luz do sol.

Rösselmann.

Ouvi o que Deus me põe no coração, confederados! Estamos aqui no lugar de uma Landsgemeinde e podemos valer por um povo inteiro. Então deliberemos segundo os antigos costumes da terra, como fazemos em tempos tranquilos; o que houver de irregular nesta assembleia seja desculpado pela necessidade do tempo. Mas Deus está em todo lugar onde se administra o direito, e sob seu céu estamos nós.

Stauffacher.

Bem, deliberemos segundo o costume antigo; embora seja noite, nosso direito ilumina.

Melchthal.

Embora o número não esteja completo, aqui está o coração do povo inteiro: os melhores estão presentes.

Konrad Hunn.

Embora não estejam à mão os antigos livros, estão escritos em nossos corações.

Rösselmann.

Pois bem, forme-se logo o círculo. Que se plantem as espadas da autoridade!

Auf der Mauer.

Que o Landammann tome seu lugar, e que seus oficiais se ponham a seu lado!

Sacristão.

Três são os povos. A qual deles cabe dar a cabeça da comunidade?

Meier.

Por essa honra, que Schwytz dispute com Uri; nós, os de Unterwalden, ficamos livremente atrás.

Melchthal.

Ficamos atrás; somos os suplicantes, que pedem ajuda aos amigos poderosos.

Stauffacher.

Então Uri tome a espada; sua bandeira marcha à nossa frente nas expedições romanas.

Walther Fürst.

A honra da espada caiba a Schwytz, pois todos nos gloriamos de sua estirpe.

Rösselmann.

Deixai-me resolver amigavelmente a nobre disputa: Schwytz conduzirá no conselho; Uri, no campo.

Walther Fürst

(entrega as espadas a Stauffacher).

Tomai, pois!

Stauffacher.

Não a mim; que a honra caiba à idade.

Im Hofe.

O mais velho em anos é Ulrich der Schmid.

Auf der Mauer.

O homem é valente, mas não de condição livre; um servo não pode ser juiz em Schwytz.

Stauffacher.

Não está aqui o senhor Reding, o antigo Landammann? Por que procurar ainda alguém mais digno?

Walther Fürst.

Que ele seja o Ammann e a cabeça do dia! Quem concorda, levante a mão.

(Todos erguem a mão direita.)

Reding (entra no meio).

Não posso pôr a mão sobre os livros; assim, juro lá em cima, pelas estrelas eternas, que nunca me afastarei do direito.

(Erguem-se diante dele as duas espadas; o círculo se forma em torno dele. Schwytz ocupa o centro; à direita põe-se Uri, e à esquerda, Unterwalden. Ele fica apoiado em sua espada de batalha.)

Que é que trouxe aqui os três povos da montanha, a esta margem inóspita do lago, na hora dos espíritos? Qual deve ser o conteúdo da nova aliança que aqui fundamos sob o céu estrelado?

Stauffacher (entra no círculo).

Não fundamos uma nova aliança; é apenas um pacto antiquíssimo, do tempo dos pais, que renovamos! Sabei, confederados: embora o lago nos separe,

embora as montanhas nos separem, e cada povo governe a si mesmo, somos todos de uma só estirpe e sangue, e uma só pátria é aquela de onde partimos.

Winkelried.

Então é verdade, como dizem as canções, que viemos de longe para esta terra? Ah, contai-nos o que sabeis disso, para que a nova aliança se fortaleça na antiga.

Stauffacher.

Ouvi o que contam os velhos pastores. Havia um grande povo, lá no fundo da terra, para o lado da meia-noite, que sofria grande carestia. Nessa aflição, a Landsgemeinde decidiu que cada décimo cidadão, por sorteio, deixaria a terra dos pais. E assim foi. E partiram em pranto, homens e mulheres, uma grande marcha rumo ao sol do meio-dia, abrindo caminho com a espada pela terra alemã, até chegarem ao planalto destas montanhas de floresta. E a marcha não se cansou antes de chegar ao vale selvagem onde hoje a Muotta corre entre prados. Não se viam aqui pegadas humanas; apenas uma cabana estava solitária à margem. Ali estava sentado um homem, esperando a barca. Mas o lago ondulava com violência e não se podia navegar. Então examinaram mais de perto a terra, e perceberam bela abundância de madeira, e descobriram boas fontes, e pensaram encontrar-se na querida pátria. Então decidiram ficar, construíram a antiga localidade de Schwytz e tiveram muitos dias amargos arrancando a floresta de raízes entrelaçadas. Depois, quando o solo já não bastava ao número do povo, atravessaram para o outro lado, para o monte negro, sim, até a terra branca, onde, escondido atrás de eterna muralha de gelo, outro povo fala outras línguas. Construíram a localidade de Stanz junto ao Kernwald, a localidade de Altorf no vale do Reuß. Mas conservaram sempre a memória da origem; de todas as estirpes estrangeiras que desde então se estabeleceram no meio de sua terra, os homens de Schwytz se reconhecem uns aos outros; o coração e o sangue dão-se a conhecer.

(Estende a mão à direita e à esquerda.)

Auf der Mauer.

Sim, somos de um só coração, de um só sangue!

Todos (dando-se as mãos).

Somos um povo, e unidos queremos agir.

Stauffacher.

Os outros povos carregam jugo estrangeiro; submeteram-se ao vencedor. Mesmo dentro de nossas marcas vivem muitos colonos que carregam deveres estrangeiros, e sua servidão passa como herança aos filhos. Mas nós, tronco verdadeiro dos antigos suíços, sempre conservamos a liberdade. Não dobramos os joelhos diante de príncipes; livremente escolhemos a proteção dos imperadores.

Rösselmann.

Livremente escolhemos o abrigo e a proteção do Império; assim está assinalado na carta do imperador Friedrich.

Stauffacher.

Pois nem o mais livre está sem senhor. Deve haver uma cabeça superior, um juiz supremo, de onde se possa extrair o direito na disputa. Por isso nossos pais, para o solo que conquistaram à antiga natureza selvagem, concederam a honra ao imperador, que se chama senhor da terra alemã e da terra italiana; e, como os outros livres de seu Império, prometeram-lhe nobre serviço de armas. Pois este é o único dever dos livres: proteger o Império que os protege.

Melchthal.

O que passa disso é marca de servo.

Stauffacher.

Eles seguiam, quando partia a convocação militar, a bandeira do Império e travavam suas batalhas. Iam armados à Itália para pôr-lhe na cabeça a coroa de Roma. Em casa, governavam-se alegremente segundo antigo costume e lei própria. Só o mais alto juízo de sangue era do imperador. Para isso era nomeado um grande conde, que não tinha sede na terra. Quando havia culpa de sangue, chamavam-no; e sob o céu aberto, simples e claro, ele pronunciava o direito, sem temor dos homens. Onde estão aqui sinais de que somos servos? Se alguém sabe de outro modo, que fale!

Im Hofe.

Não; tudo é como falais. Domínio de força jamais foi tolerado entre nós.

Stauffacher.

Ao próprio imperador recusamos obediência quando ele torceu o direito em favor dos padres. Pois, quando os homens do mosteiro de Einsiedeln reclamaram contra nós o alpe que apascentávamos desde o tempo dos pais, o abade trouxe uma antiga carta, que lhe doava aquele ermo sem dono, pois haviam ocultado nossa existência. Então dissemos: “A carta foi arrancada por fraude! Nenhum imperador pode doar o que é nosso; e, se o Império nos nega justiça, também podemos, em nossas montanhas, dispensar o Império.” Assim falaram nossos pais! Havemos nós de suportar a infâmia do novo jugo, sofrer do servo estrangeiro aquilo que nem imperador algum pôde impor-nos em seu poder? Nós criamos este solo com o trabalho de nossas mãos; transformamos a velha floresta, que antes era morada selvagem dos ursos, em morada de homens. Matamos a ninhada do dragão que subia dos pântanos, inchado de veneno. Rasgamos o véu de névoa que pendia eternamente cinzento sobre este ermo. Fendemos a rocha dura; sobre o abismo guiamos o viajante por ponte segura. Nosso é o solo, por posse de mil anos. E o criado estrangeiro de senhores poderá vir forjar-nos correntes e lançar vergonha sobre nossa própria terra? Não há auxílio contra tal pressão?

(Grande agitação entre os camponeses.)

Não; há um limite para o poder dos tiranos. Quando o oprimido não pode achar direito em parte alguma, quando a carga se torna insuportável, ele, com coragem confiante, ergue a mão ao céu e de lá traz para baixo seus direitos eternos, que lá em cima pendem inalienáveis e indestrutíveis, como as próprias estrelas. Volta o antigo estado originário da natureza, onde homem está diante de homem. Como último meio, quando nenhum outro quer servir, foi-lhe dada a espada. O mais alto dos bens podemos defender contra a violência. Estamos de pé por nossa terra, estamos de pé por nossas mulheres, nossos filhos!

Todos (batendo nas espadas).

Estamos de pé por nossas mulheres, nossos filhos!

Rösselmann (entra no círculo).

Antes de pegardes a espada, pensai bem! Podeis resolver isto pacificamente com o imperador. Custa-vos uma palavra, e os tiranos que agora vos oprimem duramente vos adularão. Aceitai o que tantas vezes vos foi oferecido:

separai-vos do Império, reconhecei a soberania da Áustria.

Auf der Mauer.

Que diz o pároco? Juramos à Áustria?

Am Bühel.

Não o escuteis!

Winkelried.

É conselho de traidor, de inimigo da terra!

Reding.

Calma, confederados!

Sewa.

Nós prestamos homenagem à Áustria, depois de tal vergonha!

Von der Flüe.

Deixarmos que a violência nos arranque aquilo que recusamos à bondade!

Meier.

Então seríamos escravos, e mereceríamos sê-lo!

Auf der Mauer.

Seja excluído do direito dos suíços quem falar em rendição à Áustria!

Landammann, insisto: que esta seja a primeira lei da terra que aqui damos.

Melchthal.

Assim seja. Quem falar em rendição à Áustria deve ficar sem direito e sem toda honra; nenhum camponês o acolha junto ao fogo.

Todos (erguem a mão direita).

Queremos isso; que seja lei!

Reding (depois de uma pausa).

É lei.

Rösselmann.

Agora sois livres; sois livres por esta lei. A Áustria não arrancará pela violência aquilo que não obteve por pedido amigável.

Jost von Weiler.

À ordem do dia, adiante!

Reding.

Confederados! Todos os meios suaves foram tentados? Talvez o rei não o saiba; talvez nem seja sua vontade aquilo que sofremos. Ainda esse último passo deveríamos tentar: levar primeiro nossa queixa ao seu ouvido antes de empunhar a espada. Terrível sempre, mesmo em causa justa, é a violência. Deus ajuda apenas quando os homens já não ajudam.

Stauffacher (a Konrad Hunn).

Agora cabe a vós dar o relato. Falai.

Konrad Hunn.

Estive em Rheinfeld, no palácio do imperador, para queixar-me da dura opressão dos governadores, para buscar a carta de nossa antiga liberdade, que todo novo rei antes confirmava. Encontrei ali mensageiros de muitas cidades, da terra suábica e do curso do Reno, que todos receberam seus pergaminhos e voltaram alegres para sua terra. A mim, vosso mensageiro, enviaram-me aos conselheiros, e estes me despediram com consolo vazio: “O imperador desta vez não tinha tempo; em outra ocasião talvez se lembraria de nós.” E, quando eu caminhava triste pelos salões do castelo real, vi o duque Hans chorando num balcão, tendo junto de si os nobres senhores de Wart e Tegerfeld. Eles me chamaram e disseram: “Ajudai-vos a vós mesmos! Não espereis justiça do rei. Não rouba ele o próprio filho de seu irmão e retém sua justa herança? O duque suplica-lhe o que herdou da mãe; já completou seus anos, seria tempo de governar também terras e gente. E que resposta recebeu? O imperador pôs-lhe uma pequena coroa na cabeça: que fosse esse o ornamento da juventude.”

Auf der Mauer.

Ouvistes. Direito e justiça não espereis do imperador! Ajudai-vos a vós mesmos!

Reding.

Nada mais nos resta. Agora dai conselho sobre como levar isto, com prudência, a bom termo.

Walther Fürst (entra no círculo).

Queremos expulsar a odiosa coerção; queremos conservar os antigos direitos como os herdamos de nossos pais, não agarrar desenfreadamente o novo. Ao imperador fique o que é do imperador; quem tem senhor sirva-lhe conforme o dever.

Meier.

Tenho bens em feudo da Áustria.

Walther Fürst.

Continuareis a cumprir vossos deveres para com a Áustria.

Jost von Weiler.

Pago tributo aos senhores de Rappersweil.

Walther Fürst.

Continuareis a pagar censo e tributo.

Rösselmann.

Estou jurado à grande senhora de Zurique.

Walther Fürst.

Dareis ao mosteiro o que é do mosteiro.

Stauffacher.

Não tenho feudos, senão do Império.

Walther Fürst.

O que deve ser feito, faça-se, mas nada além disso. Queremos expulsar os governadores com seus criados e quebrar os castelos fortes; mas, se for possível, sem sangue. Que o imperador veja que apenas por necessidade sacudimos os piedosos deveres de reverência. E, se ele nos vir permanecer dentro de nossos limites, talvez vença, com prudência de Estado, sua ira; pois desperta justo temor um povo que se contém com a espada na mão.

Reding.

Mas deixai ouvir como o faremos. O inimigo tem as armas na mão e, certamente, não se retirará em paz.

Stauffacher.

Há de retirar-se, quando nos vir armados; vamos surpreendê-lo antes que se prepare.

Meier.

É fácil dizer, mas difícil fazer. Erguem-se em nossa terra dois castelos fortes que dão abrigo ao inimigo e se tornarão terríveis se o rei vier invadir nossa terra. Roßberg e Sarnen devem ser vencidos antes que se erga uma espada nos três países.

Stauffacher.

Se demorarmos tanto, o inimigo será avisado; são muitos os que partilham o segredo.

Meier.

Nos cantões da floresta não há traidor.

Rösselmann.

Também o zelo, ainda que bom, pode trair.

Walther Fürst.

Se adiarmos, a fortaleza de Altorf será concluída, e o governador se fortificará.

Meier.

Pensais em vós.

Sacristão.

E vós sois injusto.

Meier (irrompendo).

Nós, injustos! Uri ousa dizer-nos isso?

Reding.

Por vosso juramento, calma!

Meier.

Sim, quando Schwytz se entende com Uri, nós bem devemos calar.

Reding.

Devo repreender-vos diante da Landsgemeinde, pois, com ânimo violento, perturbais a paz! Não estamos todos de pé pela mesma causa?

Winkelried.

Se adiarmos até a festa do Senhor, então o costume manda que todos os moradores levem presentes ao governador no castelo. Assim dez ou doze homens podem reunir-se na fortaleza sem suspeita; levarão escondidas pontas de ferro, que depressa se podem prender aos bastões, pois ninguém entra armado no castelo. Perto dali, na floresta, ficará a grande multidão; e, quando os outros se apoderarem felizmente do portão, soprar-se-á um corno, e aqueles sairão da emboscada. Assim o castelo será nosso com pouco trabalho.

Melchthal.

Eu me encarrego de escalar Roßberg, pois uma criada do castelo me quer bem, e facilmente a enganarei para que, em visita noturna, me estenda a escada vacilante. Quando eu estiver lá em cima, puxarei os amigos.

Reding.

É vontade de todos que se adie?

(A maioria ergue a mão.)

Stauffacher (conta os votos).

Há maioria de vinte contra doze.

Walther Fürst.

Quando no dia marcado caírem os castelos, daremos de uma montanha a outra o sinal com fumaça; o levante da terra será convocado depressa na principal localidade de cada país. Quando então os governadores virem a seriedade das armas, crede-me, abandonarão a disputa e aceitarão de boa

vontade salvo-conduto pacífico para sair de nossas marcas.

Stauffacher.

Só com Geßler temo dura resistência; temível, ele está cercado de cavaleiros. Não deixará o campo sem sangue; sim, mesmo expulso, continuará temível para a terra. É difícil e quase perigoso poupá-lo.

Baumgarten.

Onde houver perigo de vida, ponde-me lá! A Tell devo a vida salva. Com gosto a arriscarei pela terra. Defendi minha honra, satisfiz meu coração.

Reding.

O tempo trará conselho. Esperai com paciência. Também se deve confiar algo ao instante. Mas vede: enquanto ainda deliberamos aqui à noite, a manhã já posta, sobre os montes mais altos, a ardente vigia de fogo. Vinde, separemo-nos antes que a claridade do dia nos surpreenda.

Walther Fürst.

Não vos preocupeis; a noite abandona lentamente os vales.

(Todos, involuntariamente, tiraram os chapéus e contemplam em silenciosa concentração a aurora.)

Rösselmann.

Por esta luz que primeiro nos saúda entre todos os povos que, lá embaixo, moram respirando pesadamente na fumaça das cidades, juremos a aliança nova. Queremos ser um único povo de irmãos, sem nos separar em necessidade alguma nem perigo.

(Todos repetem com três dedos erguidos.)

Queremos ser livres como foram os pais, antes a morte que viver na servidão.

(Como acima.)

Queremos confiar no Deus altíssimo e não temer o poder dos homens.

(Como acima. Os camponeses se abraçam.)

Stauffacher.

Agora vá cada um silenciosamente por seu caminho, aos seus amigos e companheiros. Quem é pastor, que inverne tranquilo seu rebanho e conquiste em silêncio amigos para a aliança. Aquilo que até lá ainda tiver de ser suportado, suportai! Deixai crescer a conta dos tiranos, até que um só dia pague de uma vez a culpa comum e a culpa particular. Que cada um domine a justa fúria e guarde para o todo a sua vingança; pois rouba o bem comum quem se ajuda sozinho em sua própria causa.

(Enquanto saem, com a maior calma, para três lados diferentes, a orquestra irrompe com um movimento magnífico; a cena vazia permanece ainda algum tempo aberta e mostra o espetáculo do sol nascendo sobre os montes de gelo.)

TERCEIRO ATO

Primeira cena.

Pátio diante da casa de Tell.

Tell está ocupado com o machado de carpinteiro; Hedwig, com um trabalho doméstico. Walther e Wilhelm brincam ao fundo com uma pequena besta.

Walther (canta).

Com a flecha e com o arco, por montanhas e vales, vem o atirador andando ao primeiro raio da manhã.

Como no reino dos ares é rei o milhafre, por montanhas e fendas reina livre o atirador.

A ele pertence a vastidão; o que sua flecha alcança é sua presa, tudo o que rasteja e voa.

(Vem saltando.)

A corda partiu. Conserta-a para mim, pai.

Tell.

Eu, não. Um verdadeiro atirador ajuda a si mesmo.

(Os meninos se afastam.)

Hedwig.

Os meninos começam cedo a atirar.

Tell.

Cedo se exercita quem quer tornar-se mestre.

Hedwig.

Ah, quisesse Deus que nunca o aprendessem!

Tell.

Devem aprender tudo. Quem pela vida quer abrir caminho com vigor precisa estar armado para a defesa e para o ataque.

Hedwig.

Ah, nenhum deles há de encontrar sossego em casa.

Tell.

Mãe, eu também não consigo. A natureza não me fez para pastor; sem descanso, preciso perseguir um alvo fugitivo. Só então gozo bem a minha vida, quando a conquisto de novo a cada dia.

Hedwig.

E não pensas na angústia da dona da casa, que, enquanto te espera, se consome. Pois me enche de horror o que os criados contam de vossas aventuras arriscadas. A cada despedida, treme-me o coração de que nunca mais tornes a mim. Vejo-te perdido nas selvagens montanhas de gelo, saltando de um penhasco a outro, e vejo como a camurça, saltando de volta, te arrasta consigo para o abismo; como uma avalanche de vento te sepulta; como, debaixo de ti, a neve traiçoeira se rompe, e tu afundas, enterrado vivo, na cripta terrível. Ah, a morte agarra o caçador alpino audacioso em cem figuras sempre mudadas! É ofício desgraçado, que leva, em perigo de vida, à beira do abismo.

Tell.

Quem olha à volta com sentidos sãos, confia em Deus e na força ágil, sai facilmente de todo risco e aflição; não teme a montanha quem nela nasceu.

(Termina o trabalho e põe de lado a ferramenta.)

Agora, creio, o portão aguentará por anos. O machado em casa poupa o carpinteiro.

(Pega o chapéu.)

Hedwig.

Aonde vais?

Tell.

A Altorf, ver teu pai.

Hedwig.

Não pensas em nada perigoso? Confessa-me!

Tell.

Como chegaste a isso, mulher?

Hedwig.

Alguma coisa se trama contra os governadores. No Rütli houve conselho, eu sei, e tu também estás na aliança.

Tell.

Eu não estive lá. Mas não me furtarei à terra, se ela chamar.

Hedwig.

Eles te colocarão onde houver perigo; a parte mais dura será a tua, como sempre.

Tell.

Cada um é chamado segundo o que pode dar.

Hedwig.

Também conduziste o homem de Unterwalden através do lago, em plena tempestade. Foi milagre que escapásseis. Não pensaste, então, em mulher e filhos?

Tell.

Mulher querida, pensei em vós; por isso salvei o pai para os filhos dele.

Hedwig.

Navegar num lago furioso! Isso não é confiar em Deus. É tentar Deus!

Tell.

Quem pensa demais faz pouco.

Hedwig.

Sim, és bom e prestativo, serves a todos; mas, quando tu mesmo caís em aflição, ninguém te ajuda.

Tell.

Que Deus me livre de precisar de auxílio!

(Pega a besta e as flechas.)

Hedwig.

Que queres com a besta? Deixa-a aqui!

Tell.

Falta-me o braço quando me falta a arma.

(Os meninos voltam.)

Walther.

Pai, aonde vais?

Tell.

A Altorf, menino, ver teu avô. Queres vir?

Walther.

Sim, claro que quero.

Hedwig.

O governador está lá agora. Fica longe de Altorf.

Tell.

Ele vai embora ainda hoje.

Hedwig.

Então deixa-o partir primeiro. Não o faças lembrar-se de ti; sabes que guarda rancor de nós.

Tell.

Sua má vontade pouco há de me prejudicar. Faço o que é justo e não temo inimigo algum.

Hedwig.

Justamente os que agem direito são os que ele mais odeia.

Tell.

Porque não pode atingi-los. A mim, creio eu, o cavaleiro deixará em paz.

Hedwig.

Ah, sabes disso?

Tell.

Não faz muito tempo, eu caçava pelos ermos selvagens do vale de Schächen, por trilha deserta, e, quando seguia sozinho por uma vereda de rocha onde não havia como desviar, pois acima de mim pendia abrupta a parede de pedra, e embaixo bramia terrível o Schächen...

(Os meninos se apertam contra ele, à direita e à esquerda, olhando-o de baixo com curiosidade tensa.)

Ali vinha o governador em minha direção, ele inteiramente só comigo, que também estava só, apenas homem diante de homem, e ao lado de nós o abismo. E, quando o senhor me avistou e reconheceu a mim, que pouco antes ele havia multado duramente por causa pequena, e me viu chegando com minha arma robusta, empalideceu. Os joelhos lhe falharam. Vi que ele agora cairia encostado à parede de rocha. Então tive pena dele; aproximei-me com modéstia e disse: “Sou eu, senhor governador.” Mas ele não conseguia arrancar da boca um pobre som. Apenas com a mão me fez sinal, em silêncio, para que eu seguisse caminho. Então fui embora e mandei-lhe sua escolta.

Hedwig.

Ele tremeu diante de ti. Ai de ti! Jamais te perdoará por tê-lo visto fraco.

Tell.

Por isso o evito, e ele não me procurará.

Hedwig.

Fica longe de lá hoje! Vai caçar, antes!

Tell.

Que ideia é essa?

Hedwig.

Tenho medo. Fica longe.

Tell.

Como podes te atormentar assim sem motivo?

Hedwig.

Porque não há motivo. Tell, fica aqui.

Tell.

Prometi, mulher querida, que iria.

Hedwig.

Se precisas ir, então vai. Mas deixa-me o menino!

Walther.

Não, mãezinha. Vou com o pai.

Hedwig.

Wälty, queres abandonar tua mãe?

Walther.

Também te trarei alguma coisa bonita do avô.

(Sai com o pai.)

Wilhelm.

Mãe, eu fico contigo!

Hedwig (abraçando-o).

Sim, tu és meu filho querido; ainda ficas comigo, tu sozinho!

(Vai até o portão do pátio e acompanha longamente os que partem com os olhos.)

Segunda cena.

Uma região selvagem e fechada de floresta; torrentes poeirentas despencam dos rochedos.

Bertha, em traje de caça. Logo depois, Rudenz.

Bertha.

Ele me segue. Enfim posso explicar-me.

Rudenz (entrando depressa).

Senhorita, enfim vos encontro a sós. Abismos nos cercam por todos os lados; neste ermo não temo testemunha alguma. Quero tirar do coração este longo silêncio.

Bertha.

Estais certo de que a caçada não nos segue?

Rudenz.

A caçada seguiu por ali. Agora ou nunca! Preciso agarrar este instante precioso. Preciso ver decidido meu destino, ainda que isso me separe de vós para sempre. Ah, não armeis vossos olhos bondosos com esta sombria severidade. Quem sou eu, para erguer até vós desejo tão ousado? A glória ainda não me nomeou; não posso colocar-me na fileira dos cavaleiros que, famosos por vitórias e esplêndidos, vos cortejam. Nada tenho senão meu coração, cheio de fidelidade e amor.

Bertha (grave e severa).

Podeis falar de amor e fidelidade, vós que sois infiel aos deveres mais próximos?

(Rudenz recua.)

O escravo da Áustria, que se vende ao estrangeiro, ao opressor de seu povo?

Rudenz.

De vós, senhorita, ouço esta censura? Pois quem procuro eu naquele lado senão vós?

Bertha.

Pensais encontrar-me do lado da traição? Antes eu daria minha mão ao próprio Geßler, ao opressor, do que ao filho da Suíça que esqueceu sua natureza e se permite tornar instrumento dele!

Rudenz.

Ó Deus, que devo ouvir?

Bertha.

Como? O que está mais perto do homem de bem do que os seus? Há deveres mais belos para um coração nobre do que ser defensor da inocência e proteger o direito dos oprimidos? Minha alma sangra por vosso povo; sofro com ele, pois preciso amá-lo, tão modesto e, contudo, tão cheio de força. Meu coração inteiro me puxa para ele; a cada dia aprendo a venerá-lo mais. Mas vós, a quem a natureza e o dever de cavaleiro deram a esse povo como protetor nato, vós, que o abandonais, que passais infiel para o inimigo e forjais correntes para vossa terra, sois vós que me feris e me ofendeis. Preciso dominar meu coração para não vos odiar.

Rudenz.

Pois não quero o melhor para meu povo? Sob o poderoso cetro da Áustria, não quero dar-lhe a paz?

Bertha.

Quereis preparar-lhe a servidão! Quereis expulsar a liberdade do último castelo que ainda lhe restou sobre a terra. O povo entende melhor a própria felicidade; nenhuma aparência engana seu sentimento seguro. Eles lançaram a rede em torno de vossa cabeça.

Rudenz.

Bertha! Vós me odiais, vós me desprezais!

Bertha.

Se eu o fizesse, melhor seria para mim. Mas ver desprezado e digno de desprezo aquele que se desejaria amar...

Rudenz.

Bertha! Bertha! Mostrais-me a mais alta felicidade do céu e me precipitais no fundo no mesmo instante.

Bertha.

Não, não! O que há de nobre em vós não está de todo extinto. Apenas dorme; quero despertá-lo. Precisais exercer violência contra vós mesmo para

matar a virtude herdada de vossa estirpe. Mas, felizmente para vós, ela é mais poderosa do que vós, e, apesar de vós mesmo, sois bom e nobre!

Rudenz.

Acreditais em mim? Ó Bertha, tudo vossa ternura me faz ser e vir a ser!

Bertha.

Sede aquilo para que a natureza magnífica vos fez! Ocupai o lugar em que ela vos pôs! Ficai junto de vosso povo e de vossa terra, e lutai por vosso direito sagrado!

Rudenz.

Ai de mim! Como poderei conquistar-vos, possuir-vos, se eu resistir ao poder do imperador? Não é a vontade poderosa de vossos parentes que dispõe tiranicamente de vossa mão?

Bertha.

Nos cantões da floresta estão meus bens; e, se o suíço for livre, também eu o serei.

Rudenz.

Bertha, que horizonte abris diante de mim!

Bertha.

Não espereis conquistar-me pelo favor da Áustria; eles estendem a mão para minha herança, querem uni-la à grande herança deles. A mesma cobiça de terras que quer devorar vossa liberdade também ameaça a minha! Ah, amigo, fui escolhida para o sacrifício, talvez para recompensar algum favorito. Para lá, onde moram a falsidade e a intriga, para a corte do imperador, querem arrastar-me; lá me aguardam as correntes de um matrimônio odiado. Somente o amor, somente o vosso, pode salvar-me!

Rudenz.

Poderíeis decidir viver aqui, ser minha em minha pátria? Ó Bertha, todo o meu anseio pela distância, que era senão a busca por vós? Só a vós procurei no caminho da glória, e toda minha ambição era apenas meu amor. Se podeis fechar-vos comigo neste vale quieto e renunciar ao brilho da terra, ah, então

encontrei o alvo de minha busca. Então a correnteza do mundo agitado pode golpear a margem segura destas montanhas. Já não tenho desejo fugitivo algum a enviar para as vastidões da vida. Então que estes rochedos em torno de nós ergam sua muralha firme e impenetrável, e que este vale fechado e feliz seja aberto e iluminado apenas para o céu!

Bertha.

Agora és inteiramente como meu coração pressentido te sonhou. Minha fé não me enganou!

Rudenz.

Vai-te, ilusão vã que me enfeitiçou! Devo encontrar a felicidade em minha terra. Aqui, onde o menino floresceu alegre, onde mil rastros de alegria me cercam, onde todas as fontes e árvores vivem para mim, queres tornar-te minha na pátria! Ah, sempre a amei, sim. Agora sinto: faltava-me ela em toda felicidade da terra.

Bertha.

Onde se encontraria a ilha ditosa, se não é aqui, na terra da inocência, aqui, onde mora a antiga fidelidade, onde a falsidade ainda não achou caminho? Ali inveja alguma turva a fonte de nossa ventura, e eternamente claras nos fogem as horas. Ali te vejo em teu verdadeiro valor de homem, o primeiro entre os livres e iguais, honrado por homenagem pura e livre, grande como um rei opera em seus reinos.

Rudenz.

Ali te vejo, coroa de todas as mulheres, em encantadora atividade feminina, erguendo-me o céu dentro de minha casa, e, como a primavera espalha suas flores, ornando-me a vida com bela graça e animando e alegrando tudo em redor!

Bertha.

Vê, amigo querido, por que eu me entristecia quando te via destruir, tu mesmo, esta felicidade suprema da vida. Ai de mim! Que seria de mim, se eu tivesse de seguir o cavaleiro soberbo, o opressor da terra, para seu castelo sombrio! Aqui não há castelo. Não me separam muros de um povo que posso fazer feliz!

Rudenz.

Mas como me salvar? Como soltar o laço que, tolamente, pus em torno da cabeça?

Bertha.

Rompe-o com decisão viril. Venha o que vier, fica junto de teu povo! Esse é teu lugar de nascimento.

(Trompas de caça ao longe.)

A caçada se aproxima. Vamos, precisamos separar-nos. Luta pela pátria; lutas por teu amor! É um só inimigo diante do qual todos trememos, e uma só liberdade nos torna todos livres!

(Saem.)

Terceira cena.

Prado junto a Altorf.

À frente, árvores; ao fundo, o chapéu sobre uma haste. A perspectiva é limitada pelo Bannberg, acima do qual se eleva uma montanha nevada.

Frießhardt e Leuthold montam guarda.

Frießhardt.

Vigiamos em vão. Ninguém quer aproximar-se e prestar reverência ao chapéu. Antes isto parecia uma feira; agora todo o campo está deserto, desde que esse espantalho pende na haste.

Leuthold.

Só se mostra ralé, que balança, para nosso desgosto, os gorros esfarrapados. A gente de bem prefere fazer o longo desvio em volta de metade da povoação a dobrar as costas diante do chapéu.

Frießhardt.

Eles precisam passar por esta praça quando vêm da casa do conselho ao meio-dia. Eu já pensava fazer boa captura, pois ninguém se lembrava de saudar o chapéu. Mas então o padre, o Rösselmann, percebeu, vinha

justamente de ver um doente, e se pôs com o Santíssimo bem diante da haste. O sacristão teve de tocar a sineta; então todos caíram de joelhos, eu também, e saudaram a custódia, não o chapéu.

Leuthold.

Ouve, companheiro, começa a me parecer que estamos aqui expostos ao pelourinho diante do chapéu. É uma vergonha para um cavaleiro ficar de sentinela diante de um chapéu vazio. E todo homem decente há de nos desprezar. Fazer reverência a um chapéu, por minha fé, é ordem de louco!

Frießhardt.

Por que não a um chapéu vazio e oco? Tu te curvas diante de tanta cabeça oca.

Hildegard, Mechthild e Elsbeth entram com crianças e se colocam em torno da haste.

Leuthold.

E tu és também um patife serviçal, gostarias de lançar gente honrada na desgraça. Passe quem quiser diante do chapéu; fecharei os olhos e não olharei.

Mechthild.

Lá está pendurado o governador. Tende respeito, moleques!

Elsbeth.

Quisesse Deus que ele fosse embora e nos deixasse o chapéu; a terra não ficaria pior por causa disso!

Frießhardt (enxotando-as).

Fora da praça! Povo maldito de mulheres! Quem pergunta por vós? Mandai vossos homens, se a coragem os coça para desafiar a ordem.

(As mulheres saem.)

Tell entra com a besta, conduzindo o menino pela mão; passam junto ao chapéu em direção à frente da cena, sem lhe dar atenção.

Walther (apontando para o Bannberg).

Pai, é verdade que, naquela montanha, as árvores sangram quando alguém lhes dá um golpe de machado?

Tell.

Quem diz isso, menino?

Walther.

O mestre pastor contou. Diz ele que as árvores estão interditas, e que, a quem as fere, a mão cresce para fora da sepultura.

Tell.

As árvores são interditas, isso é verdade. Vês ali os firns, aqueles chifres brancos que se perdem no alto do céu?

Walther.

São os glaciares, que trovejam de noite e nos mandam as avalanches.

Tell.

Assim é; e as avalanches há muito teriam sepultado a povoação de Altorf sob sua carga, se a floresta lá em cima não se erguesse como defesa da terra contra elas.

Walther (depois de pensar um pouco).

Há terras, pai, onde não existem montanhas?

Tell.

Quando se desce de nossas alturas e se desce sempre mais, seguindo as correntes, chega-se a uma terra grande e plana, onde as águas da floresta já não espumam bramindo, e os rios correm tranquilos e suaves. Ali se vê livremente para todos os lados do céu; o trigo cresce em longas e belas várzeas, e a terra parece um jardim.

Walther.

Ora, pai, por que então não descemos depressa para essa bela terra, em vez de aqui vivermos em medo e trabalho?

Tell.

A terra é bela e bondosa como o céu; mas aqueles que a cultivam não gozam a bênção que plantam.

Walther.

Não vivem eles livres, como tu, em sua própria herança?

Tell.

O campo pertence ao bispo e ao rei.

Walther.

Então ao menos podem caçar livremente nas florestas?

Tell.

Ao senhor pertencem os animais e as aves.

Walther.

Mas podem pescar livremente no rio?

Tell.

O rio, o mar, o sal pertencem ao rei.

Walther.

Quem é esse rei, então, a quem todos temem?

Tell.

É aquele único que os protege e alimenta.

Walther.

Não podem eles proteger-se corajosamente por si mesmos?

Tell.

Lá o vizinho não pode confiar no vizinho.

Walther.

Pai, sinto-me apertado nessa terra tão vasta; prefiro morar aqui debaixo das avalanches.

Tell.

Sim, é melhor, menino, ter os montes de gelo às costas do que os homens maus.

(Querem seguir adiante.)

Walther.

Ora, pai, olha o chapéu lá na haste.

Tell.

Que nos importa o chapéu? Vem, vamos embora.

(Quando está para sair, Frießhardt se põe diante dele com a pique atravessada.)

Frießhardt.

Em nome do imperador! Parai e ficai onde estais!

Tell (segura a pique).

Que quereis? Por que me detendes?

Frießhardt.

Violastes o mandato; precisais seguir conosco.

Leuthold.

Não prestastes reverência ao chapéu.

Tell.

Amigo, deixa-me ir.

Frießhardt.

Adiante, adiante, para a prisão!

Walther.

O pai para a prisão! Socorro! Socorro!

(Chamando para dentro da cena.)

Vinde, homens, boa gente, ajudai! Violência! Violência! Estão levando-o preso.

Rösselmann, o pároco, e Petermann, o sacristão, acorrem com três outros homens.

Sacristão.

Que há?

Rösselmann.

Por que pões a mão neste homem?

Frießhardt.

Ele é inimigo do imperador, um traidor!

Tell (agarra-o com violência).

Um traidor, eu?

Rösselmann.

Tu te enganas, amigo! Este é Tell, homem honrado e bom cidadão.

Walther

(avista Walther Fürst e corre até ele).

Avô, ajuda! Fazem violência ao pai.

Frießhardt.

Para a prisão, adiante!

Walther Fürst (acorrendo).

Eu dou fiança. Parai! Por amor de Deus, Tell, que aconteceu?

Melchthal e Stauffacher chegam.

Frießhardt.

Ele despreza o poder soberano do governador e não quer reconhecê-lo.

Stauffacher.

Tell teria feito isso?

Melchthal.

Mentes, canalha!

Leuthold.

Ele não prestou reverência ao chapéu.

Walther Fürst.

E por isso deve ir para a prisão? Amigo, aceita minha fiança e solta-o.

Frießhardt.

Dá fiança por ti e por teu próprio corpo! Fazemos o que cabe ao nosso ofício. Adiante com ele!

Melchthal (aos camponeses).

Não, isto é violência que brada aos céus! Suportaremos que o levem, insolentes, diante de nossos olhos?

Sacristão.

Somos mais fortes. Amigos, não tolerai isso! Temos costas unidas umas às outras.

Frießhardt.

Quem se opõe à ordem do governador?

Mais três camponeses acorrem.

Três camponeses.

Nós vos ajudamos. Que há? Derrubai-os!

(Hildegard, Mechthild e Elsbeth voltam.)

Tell.

Eu me ajudarei sozinho. Ide, boa gente. Pensais que, se eu quisesse usar a força, teria medo de suas lanças?

Melchthal (a Frießhardt).

Ousa levá-lo do meio de nós!

Walther Fürst e Stauffacher.

Calma! Tranquilos!

Frießhardt (grita).

Motim e rebelião!

(Ouvem-se trompas de caça.)

Mulheres.

Lá vem o governador!

Frießhardt (ergue a voz).

Revolta! Rebelião!

Stauffacher.

Grita até arrebentares, patife!

Rösselmann e Melchthal.

Queres calar-te?

Frießhardt (grita ainda mais alto).

Socorro! Socorro aos servidores da lei!

Walther Fürst.

Aí está o governador! Ai de nós, que será isto?

Geßler, a cavalo, com o falcão sobre o punho; Rudolph der Harras, Bertha e Rudenz; grande séquito de criados armados, que fecham toda a cena com um círculo de piques.

Rudolph der Harras.

Espaço, espaço para o governador!

Geßler.

Afastai-os! Por que se ajunta o povo? Quem chama por socorro?

(Silêncio geral.)

Quem foi? Quero saber.

(A Frießhardt.)

Aproxima-te! Quem és, e por que deténs este homem?

(Entrega o falcão a um criado.)

Frießhardt.

Severo senhor, sou teu homem de armas e guarda bem nomeado junto ao chapéu. Apanhei este homem em flagrante, quando recusou ao chapéu a saudação de honra. Quis prendê-lo, como ordenaste, e o povo quer arrancá-lo de mim pela força.

Geßler (depois de uma pausa).

Assim desprezas teu imperador, Tell, e a mim, que aqui mando em seu lugar, a ponto de recusares honra ao chapéu que mandei pendurar para provar a obediência? Traíste-me tua má intenção.

Tell.

Perdoai-me, caro senhor! Foi por descuido, não por desprezo a vós. Se eu fosse prudente, não me chamaria Tell. Peço graça; não acontecerá outra vez.

Geßler (depois de algum silêncio).

Tu és mestre na besta, Tell. Dizem que podes medir-te com qualquer atirador.

Walther.

E isso é verdade, senhor. Uma maçã meu pai acerta na árvore a cem passos.

Geßler.

Este é teu menino, Tell?

Tell.

Sim, caro senhor.

Geßler.

Tens mais filhos?

Tell.

Dois meninos, senhor.

Geßler.

E qual deles amas mais?

Tell.

Senhor, os dois são para mim igualmente queridos.

Geßler.

Pois bem, Tell! Já que acertas a maçã na árvore a cem passos, terás de provar tua arte diante de mim. Toma a besta. Já a tens à mão. Prepara-te para acertar uma maçã sobre a cabeça do menino. Mas aconselho-te: mira bem, para atingires a maçã no primeiro tiro; pois, se falhares, tua cabeça estará perdida.

(Todos dão sinais de horror.)

Tell.

Senhor, que coisa monstruosa imaginais para mim? Devo, da cabeça de meu filho... Não, não, caro senhor, isso não vos veio ao pensamento. Que Deus misericordioso o impeça. Não podeis exigir isso de um pai a sério!

Geßler.

Atirarás na maçã sobre a cabeça do menino. Eu o exijo e o quero.

Tell.

Eu devo mirar com minha besta a cabeça querida de meu próprio filho? Antes morro!

Geßler.

Atiras, ou morres com teu menino.

Tell.

Devo tornar-me assassino de meu filho! Senhor, não tendes filhos; não sabeis o que se move no coração de um pai.

Geßler.

Ora, Tell, de repente estás tão prudente! Disseram-me que eras um sonhador e te afastavas do modo dos outros homens. Amas o estranho; por isso agora escolhi para ti uma ousadia especial. Outro talvez pensasse duas vezes. Tu fechas os olhos e a enfrentas com coragem.

Bertha.

Não brinqueis, senhor, com esta pobre gente! Vede-os pálidos, trêmulos. Tão pouco estão acostumados a divertimentos vindos de vossa boca.

Geßler.

Quem vos diz que brinco?

(Pega um ramo de árvore pendente sobre ele.)

Aqui está a maçã. Abram espaço. Que ele tome sua distância, como é costume. Dou-lhe oitenta passos, nem menos, nem mais. Ele se gabava de acertar um homem a cem. Agora, atirador, acertar, e não erres o alvo!

Rudolph der Harras.

Deus, isto se torna sério. Cai de joelhos, menino; é tua vida que está em jogo. Suplica ao governador!

Walther Fürst

(à parte, a Melchthal, que mal domina a impaciência).

Contende-vos! Eu vos peço, ficai calmo!

Bertha (ao governador).

Basta, senhor! É desumano brincar assim com a angústia de um pai. Ainda que este pobre homem tenha perdido corpo e vida por sua leve culpa, por Deus, agora ele já sofreu dez vezes a morte. Deixai-o voltar ileso à sua cabana. Ele vos conheceu; ele e os filhos de seus filhos hão de lembrar-se desta hora.

Geßler.

Abram a passagem. Depressa, por que hesitas? Tua vida está perdida; posso matar-te. E vê, deposito graciosamente teu destino em tua própria mão exercitada. Não pode queixar-se de sentença dura aquele a quem fazem senhor de seu destino. Tu te gabas de teu olhar seguro. Pois bem! Aqui, atirador, mostra tua arte. O alvo é digno, e o prêmio é grande. Acertar o negro no disco, isso também outro o faz. Para mim, mestre é aquele que tem certeza de sua arte em todo lugar, a quem o coração não salta para a mão nem para o olho.

Walther Fürst (lança-se de joelhos diante dele).

Senhor governador, reconhecemos vossa autoridade; mas deixai a graça prevalecer sobre o direito. Tomai metade de meus bens, tomai-os inteiros! Apenas poupai a um pai este horror!

Walther Tell.

Avô, não te ajoelhes diante do homem falso! Dizei onde devo ficar. Não tenho medo. Meu pai acerta o pássaro em pleno voo; não errará no coração do filho.

Stauffacher.

Senhor governador, a inocência da criança não vos comove?

Rösselmann.

Ah, pensai que há um Deus no céu, a quem deveis prestar contas de vossos atos.

Geßler (apontando para o menino).

Amarrem-no àquela tília!

Walther Tell.

Amarrar-me? Não, não quero ser amarrado. Ficarei quieto como um cordeiro e nem respirarei. Se me amarrardes, não, assim não consigo; vou debater-me contra as amarras.

Rudolph der Harras.

Deixa ao menos que te vendem os olhos, menino!

Walther Tell.

Por que os olhos? Pensais que temo a flecha da mão de meu pai? Quero esperá-la firme e não mexer nem as pálpebras. Depressa, pai, mostra que és atirador! Ele não acredita em ti, pensa em destruir-nos. Para irritar o furioso, atira e acerta!

(Vai até a tília; põem-lhe a maçã sobre a cabeça.)

Melchthal (aos camponeses).

Como? O crime se consumará diante de nossos olhos? Para que juramos?

Stauffacher.

É inútil. Não temos armas; vedes a floresta de lanças à nossa volta.

Melchthal.

Ah, tivéssemos concluído tudo com ação pronta! Deus perdoe os que aconselharam o adiamento!

Geßler (a Tell).

Ao trabalho! Não se carregam armas em vão. É perigoso portar instrumento de morte, e contra o atirador volta a flecha. Este direito orgulhoso que o camponês toma para si ofende o senhor supremo da terra. Que ninguém ande armado, senão quem manda. Se vos agrada levar a flecha e o arco, pois bem, eu vos darei o alvo para isso.

Tell

(arma a besta e assenta a flecha).

Abram a passagem! Espaço!

Stauffacher.

Como, Tell? Quereis... Nunca! Estais tremendo, a mão vos treme, os joelhos vos vacilam.

Tell (abaixa a besta).

Tudo nada diante de meus olhos!

Mulheres.

Deus no céu!

Tell (ao governador).

Dispensai-me do tiro. Aqui está meu coração!

(Rasga a veste sobre o peito.)

Chamem vossos cavaleiros e abatam-me!

Geßler.

Não quero tua vida; quero o tiro. Tu podes tudo, Tell! Nada te faz desesperar. Conduzes o leme como conduzes o arco; tempestade alguma te assusta quando é preciso salvar. Agora, salvador, ajuda-te a ti mesmo; salvas a todos!

(Tell fica em combate terrível consigo mesmo, com as mãos crispadas e os olhos girando ora para o governador, ora para o céu. De repente, leva a mão à aljava, tira uma segunda flecha e a enfia no gibão. O governador nota todos esses movimentos.)

Walther Tell (sob a tília).

Pai, atira! Não tenho medo.

Tell.

Tem de ser!

(Reúne suas forças e aponta.)

Rudenz

(que esteve o tempo todo na maior tensão e se conteve à força, adianta-se).

Senhor governador, não levareis isto mais longe. Não levareis. Foi apenas uma prova. Atingistes o fim. Levado longe demais, o rigor perde seu sábio propósito; e, esticado além da conta, rompe-se o arco.

Geßler.

Calai-vos até que vos chamem.

Rudenz.

Eu quero falar! Eu posso! A honra do rei é sagrada para mim; mas tal governo só pode conquistar ódio. Esta não é a vontade do rei. Posso afirmá-lo. Tal crueldade meu povo não merece; para isso não tendes autorização.

Geßler.

Ah, ousais!

Rudenz.

Calei-me em silêncio diante de todos os atos duros que vi; fechei meu olho que enxergava, reprimi dentro do peito meu coração transbordante e revoltado.

Mas calar por mais tempo seria traição contra minha pátria e contra o imperador.

Bertha

(lança-se entre ele e o governador).

Ó Deus, irritais ainda mais o furioso!

Rudenz.

Abandonei meu povo, renunciei aos meus parentes de sangue, rompi todos os laços da natureza para me unir a vós. Acreditei promover o bem de todos quando fortalecia o poder do imperador. A venda cai de meus olhos. Estremecendo, vejo-me conduzido à beira de um abismo. Desviastes meu livre juízo, seduzistes meu coração honrado. Eu estava prestes a destruir meu povo com a melhor intenção.

Geßler.

Audacioso, essa linguagem ao teu senhor?

Rudenz.

O imperador é meu senhor, não vós. Nasci livre como vós, e meço-me convosco em toda virtude de cavaleiro. E, se não estivésseis aqui em nome do imperador, que venero mesmo onde o desonram, eu vos lançaria a luva aos pés; haveríeis de responder-me segundo o costume dos cavaleiros. Sim, acenai a vossos cavaleiros. Não estou desarmado como eles.

(Apontando para o povo.)

Tenho espada, e quem se aproxima de mim...

Stauffacher (grita).

A maçã caiu!

(Enquanto todos se voltavam para esse lado, e Bertha se lançava entre Rudenz e o governador, Tell disparou a flecha.)

Rösselmann.

O menino vive!

Muitas vozes.

A maçã foi atingida!

(Walther Fürst cambaleia e ameaça cair; Bertha o sustenta.)

Geßler (espantado).

Ele atirou? Como? O insensato!

Bertha.

O menino vive! Tornai a vós, bom pai!

Walther Tell

(vem saltando com a maçã).

Pai, aqui está a maçã. Eu bem sabia que não feririas teu menino.

Tell

(estava com o corpo inclinado, como se quisesse acompanhar a flecha; a besta cai de sua mão. Ao ver o menino vir, corre ao seu encontro de braços abertos e o ergue ao coração com ardor violento; nessa posição, desfalece sem forças. Todos ficam comovidos.)

Bertha.

Ó céu bondoso!

Walther Fürst (ao pai e ao filho).

Meus filhos! Meus filhos!

Stauffacher.

Louvado seja Deus!

Leuthold.

Isso foi um tiro! Dele ainda se falará nos tempos mais distantes.

Rudolph der Harras.

Falarão do atirador Tell enquanto os montes estiverem sobre seus fundamentos.

(Entrega a maçã ao governador.)

Geßler.

Por Deus, a maçã atravessada bem no meio! Foi tiro de mestre, devo louvá-lo.

Rösselmann.

O tiro foi bom; mas ai daquele que o levou a tentar Deus.

Stauffacher.

Voltai a vós, Tell, levantai-vos. Portastes-vos como homem, e livre podeis ir para casa.

Rösselmann.

Vinde, vinde, levai à mãe o filho dela!

(Querem conduzi-lo embora.)

Geßler.

Tell, escuta!

Tell (volta).

Que ordenais, senhor?

Geßler.

Guardaste ainda uma segunda flecha contigo. Sim, sim, eu bem vi. Que querias com isso?

Tell (perturbado).

Senhor, esse é o costume entre atiradores.

Geßler.

Não, Tell, não aceito essa resposta; deve significar outra coisa. Dize-me a verdade, franca e alegremente, Tell. Seja o que for, asseguro-te a vida. Para que a segunda flecha?

Tell.

Pois bem, senhor, já que me assegurastes a vida, quero dizer-vos a verdade inteira.

(Tira a flecha do gibão e olha para o governador com terrível olhar.)

Com esta segunda flecha eu teria atravessado vós, se tivesse acertado meu querido filho; e quanto a vós, em verdade, eu não teria errado.

Geßler.

Muito bem, Tell! Assegurei-te a vida; dei minha palavra de cavaleiro, e a mantereí. Mas, já que reconheci tua má intenção, mandarei levar-te e guardar-te onde nem lua nem sol te iluminem, para que eu esteja seguro contra tuas flechas. Agarraí-o, criados! Amarraí-o!

(Tell é amarrado.)

Stauffacher.

Como, senhor! Assim podeis agir contra um homem em quem a mão de Deus se manifestou visivelmente?

Geßler.

Vejamos se ela o salvará duas vezes. Levem-no para meu navio! Sigo logo depois; eu mesmo quero conduzi-lo a Küßnacht.

Rösselmann.

Isso não podeis fazer; o imperador também não poderia. Isso contraria nossas cartas de liberdade!

Geßler.

Onde estão elas? O imperador as confirmou? Não as confirmou. Esse favor precisa antes ser conquistado pela obediência. Sois todos rebeldes contra o tribunal do imperador e alimentais ousada revolta. Conheço-vos todos. Enxergo-vos por inteiro. Este eu retiro agora do meio de vós; mas todos participais de sua culpa. Quem for prudente aprenda a calar e obedecer.

(Afasta-se. Bertha, Rudenz, Harras e os criados o seguem. Frießhardt e Leuthold ficam.)

Walther Fürst (em dor violenta).

Acabou. Ele decidiu arruinar-me com toda a minha casa!

Stauffacher (a Tell).

Ah, por que precisastes provocar o furioso?

Tell.

Que se domine quem sentiu minha dor!

Stauffacher.

Ah, agora tudo, tudo está perdido! Convosco estamos todos acorrentados e presos!

Camponeses (cercam Tell).

Convosco se vai nosso último consolo!

Leuthold (aproximando-se).

Tell, tenho pena de vós, mas preciso obedecer.

Tell.

Ficai bem!

Walther Tell

(agarrando-se a ele com dor violenta).

Ó pai! Pai! Querido pai!

Tell

(ergue os braços ao céu).

Lá em cima está teu Pai! Chama por Ele!

Stauffacher.

Tell, não devo dizer nada à vossa mulher sobre vós?

Tell

(ergue o menino ao peito com ardor).

O menino está ileso; Deus me ajudará.

(Solta-se depressa e segue os homens de armas.)

QUARTO ATO

Primeira Cena

Margem oriental do lago dos Quatro Cantões.

A perspectiva é fechada, a oeste, por rochedos escarpados de formas estranhas. O lago está agitado; ouvem-se fortes rumores e estrondos, entremeados de relâmpagos e trovões.

Kunz von Gersau. Pescador e Menino Pescador.

Kunz.

Vi com meus próprios olhos, podeis acreditar. Tudo aconteceu como vos contei.

Pescador.

Tell levado preso para Küßnacht, o melhor homem da terra, o braço mais bravo, se um dia fosse preciso lutar pela liberdade!

Kunz.

O próprio Governador o conduz pelo lago acima. Estavam justamente embarcando quando parti de Flüelen; mas a tempestade, que agora se aproxima, e que também a mim obrigou a aportar aqui às pressas, talvez lhes tenha impedido a partida.

Pescador.

Tell em ferros, no poder do Governador! Oh, crede, ele o enterrará bem fundo, para que nunca mais veja a luz do dia. Pois há de temer a justa vingança do homem livre a quem provocou tão gravemente!

Kunz.

Também o antigo Landammann, o nobre senhor de Attinghausen, dizem, está à morte.

Pescador.

Então se rompe a última âncora de nossa esperança! Só ele ainda podia erguer a voz pelos direitos do povo!

Kunz.

A tempestade aumenta. Passai bem! Vou tomar abrigo na aldeia, pois hoje já não se pode pensar em partir.

Sai.

Pescador.

Tell preso, e o barão morto! Ergue a fronte insolente, tirania, lança fora todo pudor! A boca da verdade emudeceu, o olho que via foi cegado, o braço que deveria salvar está atado!

Menino.

Cai forte granizo. Vinde para a cabana, pai. Não é conveniente ficar aqui ao relento.

Pescador.

Rugi, ventos! Descei em chamas, relâmpagos! Rebentai, nuvens! Derramai-vos, torrentes do céu, e afogai a terra! Destruí no germe as gerações ainda não nascidas! Elementos selvagens, dominai! Vinde, ursos; voltai, velhos lobos do grande deserto! A vós pertence a terra. Quem há de querer viver aqui sem liberdade?

Menino.

Ouvi como o abismo rugue, como breme o redemoinho. Nunca houve furor assim neste desfiladeiro!

Pescador.

Apontar para a cabeça do próprio filho, tal coisa nunca foi ordenada a pai algum! E a natureza não se há de rebelar em fúria selvagem contra isso? Oh, não me espantaria se os rochedos se dobrassem para dentro do lago, se aqueles cumes, aquelas torres de gelo, que não derreteram desde o dia da criação, se liquefizessem de suas altas cristas; se as montanhas se partissem, se as antigas fendas desabassem, e um segundo dilúvio devorasse todas as moradas dos viventes!

Ouve-se tocar um sino.

Menino.

Ouvis? Tocam lá em cima, na montanha. Decerto avistaram um barco em perigo e puxam o sino para que se reze.

Sobe a uma elevação.

Pescador.

Ai da embarcação que agora estiver a caminho e for embalada neste berço pavoroso! Aqui o leme é inútil, inútil o timoneiro; a tempestade é senhora, vento e onda jogam bola com o homem. Aqui, de perto e de longe, não há peito que lhe ofereça proteção amiga. Sem braços, subindo abruptos, encaram-no os rochedos inóspitos e só lhe mostram seu peito áspero de pedra.

Menino apontando à esquerda.

Pai, um barco! Vem de Flüelen.

Pescador.

Deus ajude os pobres! Quando a tempestade se prende nesta garganta de água, então se debate com a angústia da fera que golpeia as barras de ferro da jaula. Uivando, procura em vão a saída, pois os rochedos a encerram por todos os lados e, altos até o céu, muram a passagem estreita.

Sobe a uma elevação.

Menino.

É o barco senhorial de Uri, pai. Reconheço-o pelo teto vermelho e pela bandeira.

Pescador.

Juízos de Deus! Sim, é ele próprio, o Governador que ali navega. Lá vai ele e leva no barco o seu crime! Depressa o achou o braço do vingador. Agora conhece acima de si um senhor mais forte. Estas ondas não obedecem à sua voz, estes rochedos não inclinam a cabeça diante de seu chapéu. Menino, não rezes! Não detenhas o braço do Juiz!

Menino.

Não rezo pelo Governador. Rezo por Tell, que também se encontra no barco.

Pescador.

Oh, desrazão do elemento cego! Precisas, para atingir um só culpado, destruir o barco com o timoneiro?

Menino.

Vê, vê! Já haviam passado felizes pelo Buggisgrat; mas a força da tempestade, rebatida pelo Teufelsmünster, lança-os de volta para o grande Axenberg. Já não os vejo.

Pescador.

Ali está o Hackmesser, onde vários barcos já se quebraram. Se não se desviarem dali com prudência, o barco será esmagado contra a escarpa que desce abrupta para a profundidade. Têm a bordo um bom timoneiro; se alguém pudesse salvá-los, seria Tell. Mas seus braços e mãos estão atados.

Wilhelm Tell, com a besta.

Entra com passos rápidos, olha em torno espantado e revela extrema agitação. Quando chega ao centro da cena, lança-se ao chão, estendendo as mãos para a terra e depois para o céu.

Menino percebendo-o.

Vê, pai, quem é o homem que ajoelha ali?

Pescador.

Ele toca a terra com as mãos e parece fora de si.

Menino avança.

Que vejo! Pai! Pai, vinde ver!

Pescador aproxima-se.

Quem é? Deus do céu! Como? Tell? Como chegastes aqui? Falai!

Menino.

Não estáveis lá no barco, preso e amarrado?

Pescador.

Não fostes levado para Küßnacht?

Tell ergue-se.

Estou livre.

Pescador e Menino.

Livre! Oh, milagre de Deus!

Menino.

De onde vindes?

Tell.

Daquele barco.

Pescador.

Como?

Menino ao mesmo tempo.

Onde está o Governador?

Tell.

À deriva nas ondas.

Pescador.

É possível? Mas vós? Como estais aqui? Escapastes às amarras e à tempestade?

Tell.

Pela bondosa providência de Deus. Ouvi!

Pescador e Menino.

Oh, falai, falai!

Tell.

Sabeis o que se passou em Altorf?

Pescador.

Tudo sei. Falai!

Tell.

Que o Governador mandou prender-me e amarrar-me, e queria levar-me para seu castelo em Küßnacht.

Pescador.

E embarcou convosco em Flüelen. Sabemos tudo. Dizei como escapastes.

Tell.

Eu jazia no barco, firmemente preso por cordas, sem defesa, homem entregue à perdição. Já não esperava ver a alegre luz do sol, o rosto amado da esposa e dos filhos, e sem consolo eu olhava para aquele ermo de águas.

Pescador.

Oh, pobre homem!

Tell.

Assim navegávamos, o Governador, Rudolph der Harras e os servos. Minha aljava, porém, com a besta, estava na popa, junto ao leme. E, quando chegamos à curva perto do pequeno Axen, Deus permitiu que uma tempestade tão cruel e mortífera irrompesse de súbito das gargantas do Gotardo, que o coração de todos os remadores desabou, e todos julgaram que miseravelmente se afogariam.

Então ouvi quando um dos criados se voltou para o Governador e disse estas palavras: “Vedes nossa aflição e a vossa, senhor, e que todos pairamos à beira da morte. Os timoneiros, porém, de tanto medo, não sabem que fazer e não entendem bem do ofício. Mas Tell é homem forte e sabe governar um barco. E se agora nos valêssemos dele na necessidade?”

Então o Governador me disse: “Tell, se tu te julgasses capaz de nos ajudar contra a tempestade, eu poderia soltar-te das amarras.” Eu respondi: “Sim, senhor, com a ajuda de Deus julgo-me capaz e bem nos tirarei daqui.” Assim fui solto das amarras, fiquei ao leme e naveguei honestamente. Mas eu lançava o olhar de lado para onde estava meu equipamento, e observava com agudeza a margem, à procura de uma vantagem para escapar.

E, quando percebi um recife de rocha, achatado, avançando para dentro do lago...

Pescador.

Conheço-o. Fica ao pé do grande Axen. Mas eu não julgaria possível, tão íngreme ele é, alcançá-lo saltando do barco.

Tell.

Gritei aos servos que remassem com jeito até chegarmos diante da laje de pedra. Ali, gritei, o pior estaria vencido. E quando, remando com vigor, logo a alcançamos, implorei a graça de Deus e, apoiando-me com todas as forças do corpo, apertei a popa contra a parede de rocha. Então, agarrando depressa meu equipamento de tiro, saltei alto para cima da laje e, com um poderoso golpe de pé para trás, lancei o pequeno barco ao abismo das águas. Ali que ele siga, como Deus quiser, sobre as ondas! Assim estou aqui, salvo da força da tempestade e da força, pior ainda, dos homens.

Pescador.

Tell, Tell! O Senhor realizou em vós um milagre visível; mal creio em meus sentidos. Mas dizei: para onde pensais ir agora? Pois não há segurança para vós se o Governador escapar vivo desta tempestade.

Tell.

Ouvi-o dizer, quando ainda estava amarrado no barco, que queria desembarcar em Brunnen e, por Schwytz, levar-me a seu castelo.

Pescador.

Ele pensa tomar por terra o caminho até lá?

Tell.

Assim pensa.

Pescador.

Oh, então escondi-vos sem demora! Deus não vos arrancará duas vezes de sua mão.

Tell.

Dizei-me o caminho mais curto para Arth e Küßnacht.

Pescador.

A estrada aberta passa por Steinen; mas meu menino pode conduzir-vos por Lowerz por um caminho mais curto e mais secreto.

Tell dá-lhe a mão.

Deus vos pague a boa ação. Passai bem.

Vai e volta.

Não jurastes também no Rütli? Parece-me que vosso nome me foi dito.

Pescador.

Eu estava lá e também jurei o juramento da aliança.

Tell.

Então ide depressa a Bürglen, fazei-me essa bondade! Minha mulher desespera por mim; anunciai-lhe que estou salvo e bem abrigado.

Pescador.

Mas para onde direi que fugistes?

Tell.

Encontrareis com ela meu sogro e outros que juraram comigo no Rütli. Que sejam firmes e tenham bom ânimo: Tell está livre e senhor de seu braço. Em breve ouvirão de mim algo mais.

Pescador.

Que tendes no pensamento? Revelai-me livremente.

Tell.

Quando estiver feito, também se falará disso.

Sai.

Pescador.

Mostra-lhe o caminho, Jenni. Deus esteja com ele! Ele leva ao fim tudo quanto empreende.

Sai.

Segunda Cena

Solar nobre de Attinghausen.

O Barão, em uma poltrona, moribundo. Walther Fürst, Stauffacher, Melchthal e Baumgarten cuidam dele. Walther Tell ajoelha-se diante do moribundo.

Walther Fürst.

Acabou para ele; ele passou além.

Stauffacher.

Ele não jaz como morto. Vede, a pluma sobre seus lábios se move! Tranquilo é seu sono, e pacificamente sorriem suas feições.

Baumgarten vai até a porta e fala com alguém.

Walther Fürst a Baumgarten.

Quem é?

Baumgarten volta.

É a senhora Hedwig, vossa filha. Quer falar convosco, quer ver o menino.

Walther Tell ergue-se.

Walther Fürst.

Posso consolá-la? Tenho eu mesmo consolo? Amontoa-se todo sofrimento sobre minha cabeça?

Hedwig entrando à força.

Onde está meu filho? Deixai-me, preciso vê-lo.

Stauffacher.

Contende-vos! Lembrai-vos de que estais na casa da morte.

Hedwig precipita-se sobre o menino.

Meu Wälty! Oh, ele vive para mim!

Walther Tell pendura-se nela.

Pobre mãe!

Hedwig.

É certo mesmo? Estás ileso? Examina-o com ansiosa solicitude. E é possível? Ele pôde mirar em ti? Como pôde? Oh, ele não tem coração. Ele pôde soltar a seta contra o próprio filho!

Walther Fürst.

Ele o fez com angústia, com a alma rasgada de dor; forçado o fez, pois estava em jogo a vida.

Hedwig.

Oh, se tivesse coração de pai, antes de fazê-lo teria morrido mil vezes!

Stauffacher.

Deveríeis louvar a bondosa disposição de Deus, que tudo guiou tão bem.

Hedwig.

Posso esquecer como poderia ter acontecido? Deus do céu! Ainda que eu vivesse oitenta anos, verei o menino eternamente amarrado, o pai mirando contra ele, e eternamente a seta voará para dentro de meu coração.

Melchthal.

Senhora, se soubésseis como o Governador o provocou!

Hedwig.

Oh, rude coração dos homens! Quando seu orgulho é ofendido, já nada consideram. Põem, na cega fúria do jogo, a cabeça do filho e o coração da mãe!

Baumgarten.

Não é bastante duro o destino de vosso marido, para que ainda o magoeis com censura pesada? Não tendes sentimento por seus sofrimentos?

Hedwig volta-se para ele e o encara com um grande olhar.

Tens lágrimas apenas pela desgraça do amigo? Onde estáveis vós quando puseram em ferros aquele homem excelente? Onde estava então vossa ajuda?

Vós assististes, deixastes o horrendo acontecer; pacientemente suportastes que o amigo fosse levado para fora de vosso meio. Tell também agiu assim convosco? Ficou também ali, lamentando, quando os cavaleiros do Governador vos perseguiram, quando o lago furioso bramia diante de vós? Não vos lastimou com lágrimas ociosas; saltou para dentro do bote, esqueceu mulher e filho e vos libertou.

Walther Fürst.

Que poderíamos ousar para salvá-lo, nós, pequeno grupo, e desarmado?

Hedwig lança-se ao peito dele.

Oh, pai! E também tu o perdeste! A terra, nós todos o perdemos! A todos nós ele falta; ai, nós faltamos a ele! Deus salve sua alma do desespero. Até ele, lá embaixo, no ermo calabouço do castelo, não penetra o consolo de amigo algum. E se adoecesse! Ah, na úmida escuridão do cárcere ele há de adoecer. Como a rosa alpina empalidece e definha no ar do pântano, assim para ele não há vida senão na luz do sol, na corrente balsâmica dos ares. Preso! Ele! Seu alento é a liberdade; não pode viver no sopro das criptas.

Stauffacher.

Acalmai-vos! Todos nós agiremos para abrir-lhe o cárcere.

Hedwig.

Que podeis vós fazer sem ele? Enquanto Tell ainda era livre, sim, havia esperança; então a inocência ainda tinha um amigo, o perseguido tinha um auxiliador, Tell salvava todos vós. Vós todos juntos não podeis soltar os ferros dele!

O Barão desperta.

Baumgarten.

Ele se move. Silêncio!

Attinghausen erguendo-se.

Onde está ele?

Stauffacher.

Quem?

Attinghausen.

Ele me falta, abandona-me no último instante!

Stauffacher.

Ele fala do jovem senhor. Mandaram chamá-lo?

Walther Fürst.

Mandaram chamá-lo. Consolai-vos! Ele encontrou seu coração, está conosco.

Attinghausen.

Falou por sua pátria?

Stauffacher.

Com audácia de herói.

Attinghausen.

Por que não vem receber minha última bênção? Sinto que meu fim se apressa.

Stauffacher.

Não assim, nobre senhor! O breve sono vos refez, e claro está vosso olhar.

Attinghausen.

A dor é vida; também ela me deixou. O sofrimento acabou, como acabou a esperança.

Percebe o menino.

Quem é o menino?

Walther Fürst.

Abençoi-o, senhor! É meu neto e está sem pai.

Hedwig cai de joelhos com o menino diante do moribundo.

Attinghausen.

E sem pai deixo eu todos vós, todos vós, para trás. Ai de mim, que meus últimos olhos tenham visto a queda da pátria! Tive de alcançar a medida extrema da vida para morrer por inteiro com todas as esperanças!

Stauffacher a Walther Fürst.

Deixá-lo partir nesta sombria aflição? Não lhe iluminaremos a última hora com belo raio de esperança? Nobre barão! Erguei vosso espírito! Não estamos de todo abandonados, não estamos perdidos sem salvação.

Attinghausen.

Quem vos salvará?

Walther Fürst.

Nós mesmos. Escutai! As três terras deram uma à outra a palavra de expulsar os tiranos. A aliança está fechada; um juramento sagrado nos une. Haverá ação antes que o ano comece seu novo ciclo. Vosso pó repousará em terra livre.

Attinghausen.

Oh, dizei-me! A aliança está fechada?

Melchthal.

No mesmo dia todas as três Waldstätte se levantarão. Tudo está preparado, e o segredo bem guardado até agora, embora muitas centenas o partilhem. O chão está oco debaixo dos tiranos; os dias de seu domínio estão contados, e logo não se achará mais rastro deles.

Attinghausen.

E as fortalezas firmes nas terras?

Melchthal.

Cairão todas no mesmo dia.

Attinghausen.

E os nobres tomam parte nessa aliança?

Stauffacher.

Esperamos seu auxílio quando chegar a hora. Mas, por enquanto, só jurou o homem da terra.

Attinghausen ergue-se lentamente, com grande espanto.

O homem da terra ousou tal feito, por meios próprios, sem ajuda dos nobres? Confiou tanto na própria força? Sim, então já não precisam de nós. Consolados podemos descer ao túmulo. Depois de nós, a vida continua. Por outras forças quer conservar-se o que há de esplêndido na humanidade.

Põe a mão sobre a cabeça do menino, que está de joelhos diante dele.

Desta cabeça, onde estive a maçã, brotará para vós a liberdade nova e melhor. O velho cai, muda-se o tempo, e vida nova floresce das ruínas.

Stauffacher a Walther Fürst.

Vede que brilho se derrama em torno de seu olhar! Não é a extinção da natureza; já é o raio de uma vida nova.

Attinghausen.

A nobreza desce de seus antigos castelos e jura às cidades seu juramento de cidadão. No Uechtland já começou, e no Thurgau. A nobre Berna ergue sua cabeça soberana; Friburgo é um seguro castelo dos livres; a ativa Zurique arma suas corporações em exército guerreiro. A força dos reis se quebra em suas muralhas eternas.

Fala o seguinte com tom de vidente; sua fala se eleva até o entusiasmo.

Vejo os príncipes e os nobres senhores virem marchando em couraças para guerrear contra um povo inofensivo de pastores. Combater-se-á em morte e vida, e gloriosamente se decidirá muito passo em sangue. O homem da terra precipita-se de peito nu, sacrifício livre, contra a fileira das lanças! Ele as quebra, e cai a flor da nobreza, e a liberdade ergue vitoriosa sua bandeira.

Segurando as mãos de Walther Fürst e Stauffacher.

Por isso permaneci firmes juntos, firmes e para sempre. Que nenhum lugar da liberdade seja estrangeiro ao outro. Colocai atalaias em vossas montanhas, para que a aliança se reúna depressa à aliança. Sede unidos, unidos, unidos.

Cai de volta no travesseiro. Suas mãos, já sem alma, ainda seguram as dos outros. Fürst e Stauffacher contemplam-no por algum tempo em silêncio; depois se afastam. Cada qual entregue à sua dor. Enquanto isso, os criados entraram silenciosamente. Aproximam-se com sinais de dor mais quieta ou mais veemente; alguns se ajoelham junto dele e choram sobre sua mão. Durante esta cena muda, toca o sino do castelo.

Rudenz aos anteriores.

Rudenz entrando depressa.

Ele vive? Oh, dissei, ainda pode ouvir-me?

Walther Fürst apontando, com o rosto voltado para outro lado.

Vós sois agora nosso senhor feudal e protetor, e este castelo tem outro nome.

Rudenz vê o cadáver e fica tomado de dor violenta.

Oh, Deus bondoso! Chega tarde meu arrependimento? Não pôde ele viver alguns pulsos mais para ver meu coração mudado? Desprezei sua voz fiel quando ele ainda andava na luz. Ele se foi, foi-se para sempre e me deixa a grave dívida impagável. Oh, dissei! Partiu com mágoa de mim?

Stauffacher.

Morrendo, ainda ouviu o que fizestes e abençoou a coragem com que falastes.

Rudenz ajoelha-se junto ao morto.

Sim, sagrados restos de um homem querido! Corpo sem alma! Aqui te prometo, em tua fria mão de morto: rompi para sempre todos os laços estrangeiros. Fui devolvido ao meu povo. Sou suíço, e quero sê-lo de toda a alma.

Levanta-se.

Chorai o amigo, o pai de todos, mas não desanimeis! Não foi apenas sua herança que me coube; seu coração, seu espírito descem sobre mim, e minha juventude nova há de realizar por vós o que sua velhice grisalha vos ficou devendo.

Venerável pai, dai-me vossa mão! Dai-me a vossa! Melchthal, também vós! Não hesiteis! Oh, não vos afasteis! Recebei meu juramento e meu voto.

Walther Fürst.

Dai-lhe a mão. Seu coração que retorna merece confiança.

Melchthal.

Vós nada estimastes o homem da terra. Dizei: que se pode esperar de vós?

Rudenz.

Oh, não penseis no erro de minha juventude!

Stauffacher a Melchthal.

Sede unidos foi a última palavra do pai. Lembrai-vos disso!

Melchthal.

Aqui está minha mão! O aperto de mão do camponês, nobre senhor, também é palavra de homem. Que é o cavaleiro sem nós? E nossa condição é mais antiga que a vossa.

Rudenz.

Eu a honro, e minha espada há de protegê-la.

Melchthal.

O braço, senhor barão, que submete a terra dura e fecunda seu seio, também pode proteger o peito do homem.

Rudenz.

Vós protegeréis meu peito, e eu quero proteger o vosso; assim somos fortes um pelo outro. Mas por que falar, quando a pátria ainda é presa da tirania estrangeira? Quando o solo estiver limpo do inimigo, então em paz nos entenderemos.

Após deter-se um instante.

Estais calados? Nada tendes a dizer-me? Como? Ainda não mereço que confieis em mim? Então preciso, contra vossa vontade, entrar no segredo de vossa aliança. Reunistes-vos, jurastes no Rütli. Eu sei. Sei tudo o que tratastes

ali; e o que não me foi confiado por vós, guardei como sagrado penhor. Nunca fui inimigo de minha terra, crede-me, e nunca teria agido contra vós. Mas fizestes mal em adiar. A hora aperta, e é preciso ação mais rápida. Tell já foi vítima de vossa demora.

Stauffacher.

Juramos esperar pela festa do Natal.

Rudenz.

Eu não estava lá, não jurei convosco. Esperai vós, eu ajo.

Melchthal.

Como? Quereríeis...

Rudenz.

Agora me conto entre os pais da terra, e meu primeiro dever é proteger-vos.

Walther Fürst.

Dar à terra este pó querido é vosso dever mais próximo e sagrado.

Rudenz.

Quando libertarmos a terra, deporemos a coroa fresca da vitória sobre seu esquife. Oh, amigos! Não é apenas a vossa causa que devo combater contra o tirano, tenho também a minha própria. Ouvi e sabe! Minha Bertha desapareceu, roubada em segredo, arrancada de nosso meio por audaz crime!

Stauffacher.

Teria o tirano ousado tal violência contra a nobre livre?

Rudenz.

Oh, meus amigos! Prometi-vos auxílio, e sou eu o primeiro a implorá-lo de vós. Roubada, arrancada de mim está a amada. Quem sabe onde o furioso a esconde, a que violência ousam entregar-se criminosamente para forçar seu coração ao laço odiado! Não me abandonéis, oh, ajudai-me a salvá-la. Ela vos ama! Oh, ela mereceu da terra que todos os braços se armem por ela.

Walther Fürst.

Que pretendeis empreender?

Rudenz.

Sei eu? Ai, nesta noite que envolve seu destino, nesta angústia monstruosa da dúvida, em que nada firme sei agarrar, só isto está claro em minha alma: somente debaixo das ruínas do poder tirânico ela poderá ser desenterrada. Temos de vencer todas as fortalezas, se quisermos talvez alcançar seu cárcere.

Melchthal.

Vinde, conduzi-nos! Seguimos-vos. Por que guardar para amanhã o que podemos hoje? Tell estava livre quando juramos no Rütli; o monstruoso ainda não havia acontecido. O tempo traz outra lei. Quem é tão covarde que ainda possa hesitar?

Rudenz a Stauffacher e Walther Fürst.

Enquanto isso, armados e prontos para a obra, esperai os sinais de fogo das montanhas; pois, mais depressa que vela de mensageiro, vos alcançará a notícia de nossa vitória. E, quando virdes brilhar as chamas bem-vindas, então lançai-vos sobre os inimigos como raio de tempestade e derrubai a construção da tirania.

Saem.

Terceira Cena

A Hohle Gasse, perto de Küßnacht.

Desce-se ao fundo por entre rochedos, e os viajantes são vistos do alto antes de aparecerem em cena. Rochas cercam toda a cena. Em uma das mais avançadas há uma saliência coberta de arbustos.

Tell entra com a besta.

Por esta garganta funda ele precisa vir. Não há outro caminho para Küßnacht. Aqui cumpro tudo. A ocasião é favorável. Ali o sabugueiro me esconderá dele; dali de cima minha seta pode alcançá-lo. A estreiteza do caminho impedirá os perseguidores. Ajusta tuas contas com o céu, Governador! Tens de partir; tua hora se esgotou.

Eu vivia quieto e inofensivo. Meu projétil só mirava os animais do bosque. Meus pensamentos estavam puros de morte. Tu me arrancaste de minha paz; transformaste o leite de minha boa inclinação em fermento de veneno de dragão. Acostumaste-me ao monstruoso. Quem pôs a cabeça de uma criança por alvo também pode acertar o coração do inimigo.

As pobres crianças, as inocentes, a esposa fiel devo proteger de tua fúria, Governador! Quando estiquei a corda do arco, quando a mão me tremia, quando tu, com prazer cruel e diabólico, me obrigaste a mirar contra a cabeça do menino, quando eu, impotente e suplicante, lutava diante de ti, então jurei dentro de mim, por terrível juramento que só Deus ouviu, que o primeiro alvo de meu próximo disparo seria teu coração. O que prometi nas penas infernais daquele instante é uma dívida sagrada. Quero pagá-la.

Tu és meu senhor e Governador de meu imperador; mas nem o imperador teria permitido a si mesmo o que tu fizeste. Ele te enviou a estas terras para pronunciar o direito, severo, pois ele se irrita, mas não para que, com prazer homicida, ousasses todo horror sem punição. Há um Deus vivo, para castigar e vingar.

Vem para fora, tu, portadora de dores amargas, agora minha joia querida, meu maior tesouro. Um alvo te darei que até agora foi impenetrável à prece piedosa. Mas a ti ele não há de resistir. E tu, corda familiar do arco, que tantas vezes me serviste fiel nos jogos da alegria, não me abandones na terrível seriedade! Só agora mantém-te firme, corda fiel, que tantas vezes deste asas à seta amarga. Se ela agora escapasse sem força de minhas mãos, não tenho segunda para enviar.

Viajantes atravessam a cena.

Neste banco de pedra quero sentar-me, preparado para breve repouso do viajante. Pois aqui não há lar. Cada um se impele para além do outro, rápido e estranho, e não pergunta pela dor alheia. Aqui passa o mercador cheio de cuidados e o peregrino de roupa leve, o monge devoto, o ladrão sombrio e o menestrel alegre, o almocreve com o cavalo pesadamente carregado, vindo de longe, das terras dos homens, pois toda estrada conduz ao fim do mundo. Todos seguem seu caminho para seu ofício. E o meu é matar.

Senta-se.

Outrora, quando o pai saía, queridos filhos, havia alegria quando ele tornava, pois nunca voltava para casa sem trazer-vos alguma coisa: uma bela flor alpina, uma ave rara ou um chifre de Ammon, como o viajante encontra nas montanhas. Agora ele vai atrás de outra caça; no caminho selvagem senta-se com pensamentos de morte. É a vida do inimigo que espreita. E, no entanto, só em vós pensa ele, queridos filhos, mesmo agora. Para defender-vos, para proteger vossa doce inocência da vingança do tirano, vai agora retesar o arco para matar.

Levanta-se.

Estou à espreita de uma caça nobre. O caçador não se cansa de vagar por dias no rigor do inverno, de saltar, arriscado, de rochedo em rochedo, de escalar paredes lisas, onde se cola com o próprio sangue, para caçar uma pobre cabra dos cumes. Aqui está em jogo prêmio mais precioso: o coração do inimigo mortal que quer destruir-me.

Ouve-se ao longe uma música alegre, que se aproxima.

Durante toda a minha vida manejei o arco, exercitei-me segundo as regras dos arqueiros. Muitas vezes acertei no negro do alvo e trouxe para casa belos prêmios dos tiros festivos. Mas hoje quero fazer o disparo de mestre e ganhar para mim o melhor prêmio em todo o contorno das montanhas.

Uma procissão de casamento atravessa a cena e sobe pela garganta. Tell observa, apoiado em seu arco. Stüssi, o guarda dos campos, junta-se a ele.

Stüssi.

É o administrador do convento de Mörlischachen que faz aqui a condução da noiva. Homem rico. Deve ter dez rebanhos nas alpes. Vai buscar a noiva agora em Imisee, e esta noite haverá grande banquete em Küßnacht. Vinde junto! Todo homem honrado está convidado.

Tell.

Hóspede grave não combina com casa de núpcias.

Stüssi.

Se vos aperta alguma aflição, lançai-a do coração! Aceitai o que vier; os tempos estão difíceis, por isso o homem deve agarrar depressa a alegria. Aqui

se casa, em outra parte se enterra.

Tell.

E muitas vezes uma coisa vem logo com a outra.

Stüssi.

Assim vai o mundo. Há desgraça bastante por toda parte. Uma avalanche desceu na terra de Glarus, e uma face inteira do Glärnisch afundou.

Tell.

Também vacilam as próprias montanhas? Nada está firme sobre a terra.

Stüssi.

Também de outros lugares se ouvem coisas prodigiosas. Falei com um homem que vinha de Baden. Um cavaleiro queria ir ao rei, e, no caminho, encontrou um enxame de vespões. Eles caíram sobre seu cavalo até que este tombou morto de tormento, e ele chegou a pé até o rei.

Tell.

Também ao fraco foi dado seu ferrão.

Armgart entra com várias crianças e coloca-se à entrada da garganta.

Stüssi.

Interpretam isso como grande desgraça da terra, como feitos graves contra a natureza.

Tell.

Feitos assim cada dia traz; não precisam de prodígio que os anuncie.

Stüssi.

Sim, feliz daquele que cultiva seu campo em paz e se senta em casa, junto dos seus, sem ser ferido.

Tell.

Nem o mais piedoso pode ficar em paz quando ao mau vizinho não agrada.

Tell olha frequentemente, com inquieta expectativa, para o alto do caminho.

Stüssi.

Passai bem. Esperais aqui por alguém.

Tell.

Espero.

Stüssi.

Feliz retorno aos vossos! Sois de Uri? Nosso gracioso senhor, o Governador, é esperado de lá ainda hoje.

Viajante entra.

Não esperem mais hoje o Governador. As águas transbordaram com a grande chuva, e a correnteza arrancou todas as pontes.

Tell levanta-se.

Armgart avança.

O Governador não vem?

Stüssi.

Quereis algo dele?

Armgart.

Ah, certamente!

Stüssi.

Por que, então, vos pondeis nesta garganta funda em seu caminho?

Armgart.

Aqui ele não se desvia de mim; terá de me ouvir.

Frießhardt desce apressado pela garganta e grita para dentro da cena.

Afastem-se do caminho. Meu gracioso senhor, o Governador, vem cavalgando bem atrás de mim.

Tell sai.

Armgart com vivacidade.

O Governador vem!

Vai com as crianças para a frente da cena. Geßler e Rudolph der Harras aparecem a cavalo no alto do caminho.

Stüssi a Frießhardt.

Como passastes pelas águas, se a correnteza levou as pontes?

Frießhardt.

Lutamos com o lago, amigo, e não tememos água alpina alguma.

Stüssi.

Estivestes de barco na tempestade violenta?

Frießhardt.

Estivemos. Enquanto eu viver, vou lembrar-me.

Stüssi.

Oh, ficai, contai!

Frießhardt.

Deixai-me, preciso ir à frente, anunciar o Governador no castelo.

Sai.

Stüssi.

Se houvesse boa gente no barco, teria afundado com todos, sem deixar alma viva. Essa gente nem água nem fogo consegue levar.

Olha em torno.

Para onde foi o caçador com quem eu falava?

Sai.

Geßler e Rudolph der Harras, a cavalo.

Geßler.

Dizei o que quiserdes; sou servo do imperador e preciso pensar em como agradá-lo. Ele não me enviou à terra para lisonjear o povo e tratá-lo com

brandura. Obediência ele espera. A disputa é se o camponês há de ser senhor na terra, ou o imperador.

Armgart.

Agora é o instante! Agora apresento meu caso!

Aproxima-se, temerosa.

Geßler.

Não ergui o chapéu em Altorf por brincadeira, nem para provar os corações do povo; esses conheço há muito. Ergui-o para que eles aprendam a dobrar-me a nuca que trazem erguida. Plantei o incômodo em seu caminho, onde precisam passar, para que tropecem nele com os olhos e se recordem de seu senhor, que esqueceram.

Rudolph.

O povo, contudo, tem certos direitos.

Geßler.

Agora não é tempo de pesá-los! Coisas amplas estão em obra e formação. A casa imperial quer crescer; o que o pai gloriosamente começou, o filho quer completar. Este pequeno povo é uma pedra no nosso caminho. De um modo ou de outro, precisa submeter-se.

Querem passar. A mulher lança-se diante do Governador.

Armgart.

Misericórdia, senhor Governador! Graça! Graça!

Geßler.

Por que vos meteis em meu caminho em plena estrada? Para trás!

Armgart.

Meu marido jaz na prisão. Os pobres órfãos clamam por pão. Tende piedade, severo senhor, de nossa grande miséria!

Rudolph.

Quem sois? Quem é vosso marido?

Armgart.

Um pobre ceifador de feno selvagem, bom senhor, do monte Rigi, que acima do abismo corta a relva livre nas paredes escarpadas de rocha, onde o gado não ousa subir.

Rudolph ao Governador.

Por Deus! Vida miserável e digna de compaixão! Peço-vos, soltai o pobre homem. Seja qual for a grave culpa que tenha cometido, castigo bastante é seu ofício terrível.

À mulher.

Tereis justiça. Lá dentro, no castelo, apresentai vosso pedido. Aqui não é o lugar.

Armgart.

Não, não saio deste lugar até que o Governador me devolva o marido! Já está na sexta lua preso na torre e espera em vão a sentença do juiz.

Geßler.

Mulher, quereis empregar força contra mim? Fora!

Armgart agarra as rédeas do cavalo.

Não, não, nada mais tenho a perder. Não sais do lugar, Governador, até que me faças justiça. Franze a testa, revira os olhos como quiseres. Somos tão sem limite infelizes que já nada perguntamos à tua cólera.

Geßler.

Mulher, dá passagem, ou meu cavalo passará sobre ti.

Armgart.

Deixa-o passar sobre mim. Aqui.

Arrasta as crianças ao chão e se lança com elas no caminho dele.

Aqui estou deitada com meus filhos. Deixa os pobres órfãos serem pisados pelo casco de teu cavalo! Não será o pior que fizeste.

Rudolph.

Mulher, enlouqueceste?

Armgarth prosseguindo com violência.

Pois há muito pisaste a terra do imperador sob teus pés! Oh, sou apenas mulher. Se eu fosse homem, saberia coisa melhor a fazer do que jazer aqui no pó.

Ouve-se novamente a música anterior no alto do caminho, mas abafada.

Geßler.

Onde estão meus servos? Arranquem-na daqui, ou eu me esquecerei e farei o que depois me cause remorso.

Rudolph.

Os servos não conseguem passar, senhor! A garganta está bloqueada por um casamento.

Geßler.

Ainda sou senhor demasiadamente brando para este povo. As línguas ainda estão livres; ainda não está tudo domado como deve. Mas isso há de mudar, eu o prometo. Hei de quebrar este ânimo obstinado, hei de curvar o espírito audacioso da liberdade, hei de proclamar nova lei nestas terras. Eu hei de...

Uma seta o atravessa; ele leva a mão ao coração e quer cair. Com voz fraca.

Deus tenha piedade de mim!

Rudolph.

Senhor Governador! Deus! Que é isto? De onde veio?

Armgarth erguendo-se de súbito.

Morte! Morte! Ele cambaleia, afunda! Foi atingido!

Rudolph salta do cavalo.

Que acontecimento horrendo. Deus, senhor cavaleiro, invocai a misericórdia divina! Sois homem morto.

Geßler.

É a seta de Tell.

Escorrega do cavalo para os braços de Rudolph Harras e é colocado sobre o banco.

Tell aparece no alto do rochedo.

Conheces o arqueiro; não procures outro! As cabanas estão livres, a inocência está segura de ti. Já não farás mal à terra.

Desaparece do alto. O povo irrompe em cena.

Stüssi à frente.

Que há aqui? Que aconteceu?

Armgart.

O Governador foi atravessado por uma seta.

Povo entrando às pressas.

Quem foi morto?

Enquanto os primeiros do cortejo nupcial entram em cena, os últimos ainda estão no alto, e a música continua.

Rudolph der Harras.

Ele se esvai em sangue. Ide, buscai socorro! Segui o assassino! Homem perdido, assim tinhas de acabar. Mas não quiseste ouvir meu aviso!

Stüssi.

Por Deus, lá jaz ele, pálido e sem vida!

Muitas Vozes.

Quem praticou o feito?

Rudolph der Harras.

Enlouqueceu este povo, que faz música para um assassinato? Fazei-os calar!

A música se interrompe subitamente. Entra mais povo.

Senhor Governador, falai, se podeis. Nada mais tendes a confiar-me?

Geßler faz sinais com a mão, repetindo-os com violência quando não são logo compreendidos.

Para onde devo ir? Para Küßnacht? Não vos entendo. Oh, não vos impacientes. Deixai o que é terreno! Pensai agora em reconciliar-vos com o céu.

Todo o cortejo de casamento rodeia o moribundo com horror insensível.

Stüssi.

Vede como empalidece. Agora, agora a morte lhe chega ao coração. Os olhos se quebraram.

Armgart ergue uma criança.

Vede, crianças, como morre um furioso!

Rudolph der Harras.

Mulheres insanas, não tendes sentimento, para vos deleitardes com o olhar neste horror? Ajudai! Ponde mãos à obra! Ninguém me ajuda a arrancar do peito dele a seta da dor?

Mulheres recuam.

Nós tocar nele, a quem Deus feriu?

Rudolph der Harras.

Caia sobre vós maldição e condenação!

Puxa a espada.

Stüssi detém-lhe o braço.

Ousai, senhor! Vosso mando chegou ao fim. O tirano da terra caiu. Não suportamos mais violência alguma. Somos homens livres.

Todos tumultuosamente.

A terra está livre!

Rudolph der Harras.

Chegou a isso? Tão depressa terminam o medo e a obediência?

Aos homens de armas que entram.

Vedes o feito horrendo de morte que aqui aconteceu. Socorro é inútil. É vão perseguir o matador. Outros cuidados nos apertam. Vamos, a Küßnacht, para salvarmos ao imperador sua fortaleza! Pois dissolvidos neste instante estão todos os laços da ordem e dos deveres, e não se pode confiar na fidelidade de homem algum.

Enquanto ele sai com os homens de armas, aparecem seis irmãos misericordiosos.

Armgart.

Lugar! Lugar! Aí vêm os irmãos misericordiosos.

Stüssi.

A vítima jaz; os corvos descem.

Irmãos Misericordiosos fecham um semicírculo em torno do morto e cantam em tom profundo.

Rápida chega a morte ao homem; não lhe é dado prazo algum. Derruba-o no meio do caminho, arranca-o da vida plena.

Preparado ou não para partir, deve estar diante de seu Juiz!

Enquanto se repetem os últimos versos, cai o pano.

QUINTO ATO

Primeira Cena

Praça pública junto a Altorf.

Ao fundo, à direita, a fortaleza Zwing Uri, ainda com os andaimes de construção, como na terceira cena do primeiro ato; à esquerda, uma vista para muitas montanhas, sobre todas as quais ardem fogos de sinal. É o romper do dia; sinos ressoam de várias distâncias.

Ruodi, Kuoni, Werni, Mestre Pedreiro e muitos outros Homens da Terra, também Mulheres e Crianças.

Ruodi.

Vedes os sinais de fogo sobre os montes?

Mestre Pedreiro.

Ouvis os sinos, além, por sobre a mata?

Ruodi.

Os inimigos foram expulsos.

Mestre Pedreiro.

Os castelos foram tomados.

Ruodi.

E nós, na terra de Uri, ainda suportamos sobre nosso chão o castelo do tirano? Seremos nós os últimos a declarar-nos livres?

Mestre Pedreiro.

Ficará de pé o jugo que quis sujeitar-nos? Levantai-vos, derrubai-o!

Todos.

Abaixo! Abaixo! Abaixo!

Ruodi.

Onde está o Touro de Uri?

Touro de Uri.

Aqui. Que quereis de mim?

Ruodi.

Subi ao alto posto de vigia, tocai vossa trompa, para que ela estronde longe pelos montes e, despertando cada eco nas fendas dos rochedos, chame depressa à reunião os homens da montanha!

O Touro de Uri sai. Entra Walther Fürst.

Walther Fürst.

Detende-vos, amigos! Detende-vos! Ainda nos falta notícia do que se passou em Unterwalden e em Schwytz. Esperemos primeiro os mensageiros.

Ruodi.

Esperar o quê? O tirano está morto; surgiu o dia da liberdade.

Mestre Pedreiro.

Não bastam esses mensageiros flamejantes, que brilham em redor, sobre todos os montes?

Ruodi.

Vinde todos, vinde, ponde mãos à obra, homens e mulheres. Quebrai os andaimes! Rompei os arcos! Derrubai as muralhas! Que não fique pedra sobre pedra.

Mestre Pedreiro.

Companheiros, vinde! Nós o construímos, sabemos destruí-lo.

Todos.

Vinde, derrubai!

Eles se lançam de todos os lados sobre a construção.

Walther Fürst.

Já está em curso. Não posso mais contê-los.

Entram Melchthal e Baumgarten.

Melchthal.

Como? A fortaleza ainda está de pé, e o castelo de Sarnen jaz em cinzas, e o Roßberg foi quebrado?

Walther Fürst.

Sois vós, Melchthal? Trazeis-nos a liberdade? Dizei, estão todas as terras limpas do inimigo?

Melchthal, abraçando-o.

Limpo está o solo. Alegrai-vos, velho pai! Neste instante mesmo em que falamos, já não há tirano em terra suíça.

Walther Fürst.

Oh, dizei, como vos apoderastes dos castelos?

Melchthal.

Foi Rudenz quem tomou o castelo de Sarnen com façanha viril e ousada. Eu escalara o Roßberg na noite anterior. Mas ouvi o que se passou. Quando havíamos esvaziado o castelo de inimigos e, jubilosos, o incendiámos, e a chama já crepitava rumo ao céu, precipita-se para fora Diethelm, o servo de Geßler, gritando que a senhora de Bruneck estava ardendo.

Walther Fürst.

Deus justo!

Ouvem-se as vigas dos andaimes desabarem.

Melchthal.

Era ela mesma, secretamente encerrada ali por ordem do Governador. Rudenz ergueu-se furioso, pois já ouvíamos tombarem as vigas, os firmes postes, e do meio da fumaça vinha o grito aflito da infeliz.

Walther Fürst.

Ela foi salva?

Melchthal.

Era preciso rapidez e decisão! Se ele fosse apenas nosso fidalgo, talvez amássemos bem a nossa vida; mas era nosso confederado, e Bertha honrava o povo. Assim arriscamos com confiança a vida e nos precipitamos ao fogo.

Walther Fürst.

Ela foi salva?

Melchthal.

Foi. Rudenz e eu, nós dois a tiramos das chamas, e atrás de nós caiu, estalando, o madeirame. E agora, quando se viu salva, quando abriu os olhos para a luz do céu, então o barão lançou-se ao meu coração, e em silêncio foi jurada uma aliança que, temperada firme no ardor do fogo, resistirá a todas as provas do destino.

Walther Fürst.

Onde está Landenberg?

Melchthal.

Para além do Brünig. Não foi por mim que ele levou consigo a luz dos olhos, ele, que cegara meu pai. Persegui-o, alcancei-o em fuga e arrastei-o aos pés de meu pai. A espada já se erguera sobre ele; da misericórdia do velho cego recebeu, em súplica, o dom da vida. Jurou urfeide, nunca mais tornar; há de cumpri-lo; senti o nosso braço.

Walther Fürst.

Feliz de vós, que não manchastes com sangue a vitória pura!

Crianças, correndo pela cena com destroços dos andaimes.

Liberdade! Liberdade!

A trompa de Uri é tocada com força.

Walther Fürst.

Vede que festa! Deste dia as crianças ainda se lembrarão tarde, já velhas.

Moças trazem o chapéu carregado numa haste; toda a cena se enche de povo.

Ruodi.

Eis o chapéu diante do qual tínhamos de nos curvar.

Baumgarten.

Dizei-nos o que se deve fazer com ele.

Walther Fürst.

Deus! Sob este chapéu esteve meu neto.

Várias Vozes.

Destruí o símbolo do poder tirânico! Ao fogo com ele!

Walther Fürst.

Não, deixai-o guardado! Teve de servir como instrumento da tirania; há de ser para sempre sinal da liberdade!

Os Homens da Terra, homens, mulheres e crianças, ficam de pé ou sentados sobre as vigas dos andaimes partidos, agrupados de modo pitoresco num grande semicírculo.

Melchthal.

Assim estamos agora alegres sobre os escombros da tirania, e cumpriu-se gloriosamente o que juramos no Rütli, confederados!

Walther Fürst.

A obra começou, mas não está consumada. Agora precisamos de ânimo e firme concórdia; pois, estai certos, o rei não tardará em vingar a morte de seu Governador e em reconduzir à força os expulsos.

Melchthal.

Que ele avance com a força de seus exércitos! O inimigo foi expulso do interior; ao inimigo de fora iremos ao encontro.

Ruodi.

Poucas passagens lhe abrem a terra; essas havemos de cobrir com nossos corpos.

Baumgarten.

Estamos unidos por laço eterno, e seus exércitos não nos assustarão.

Entram Rösselmann e Stauffacher.

Rösselmann, entrando.

São terríveis os juízos do céu.

Homens da Terra.

Que há?

Rösselmann.

Em que tempos vivemos!

Walther Fürst.

Dizei, que é isto? Ah, sois vós, senhor Werner? Que nos trazeis?

Homens da Terra.

Que há?

Rösselmann.

Ouvi e pasmai!

Stauffacher.

Estamos livres de um grande temor.

Rösselmann.

O imperador foi assassinado.

Walther Fürst.

Deus clemente!

Os Homens da Terra fazem tumulto e cercam Stauffacher.

Todos.

Assassinado! Como? O imperador! Ouvi! O imperador!

Melchthal.

Não é possível! De onde vos veio essa notícia?

Stauffacher.

É certo. Junto a Bruck caiu o rei Albrecht pela mão de assassinos. Um homem digno de fé, Johannes Müller, trouxe a notícia de Schaffhausen.

Walther Fürst.

Quem ousou tão horrenda ação?

Stauffacher.

Ela se torna ainda mais horrenda pelo autor. Foi seu sobrinho, filho de seu irmão, o duque João da Suábia, quem a cometeu.

Melchthal.

Que o impeliu à ação parricida?

Stauffacher.

O imperador retinha a herança paterna ao impaciente reclamante; dizia-se que pensava privá-lo de tudo, contentando-o com uma mitra de bispo. Fosse como fosse, o jovem abriu o ouvido ao mau conselho dos companheiros de armas, e com os nobres senhores de Eschenbach, de Tegerfelden, da Wart e Palm, resolveu, já que não podia encontrar justiça, buscar vingança com a própria mão.

Walther Fürst.

Oh, dissei, como se consumou o horror?

Stauffacher.

O rei descia a cavalo do Stein, em Baden, para seguir a Rheinfelden, onde estava a corte; com ele iam os príncipes João e Leopoldo e um séquito de senhores de alto nascimento. E, quando chegaram à Reuß, onde se passa numa barca para a outra margem, os assassinos apinharam-se no barco, para separar o imperador de seu séquito. Então, quando o príncipe seguia a cavalo por um campo lavrado, sob o qual, dizem, jaz uma grande cidade antiga dos tempos pagãos, diante dos olhos a velha fortaleza dos Habsburgos, de onde brotara a grandeza de sua estirpe, o duque João crava-lhe o punhal na garganta, Rudolf de Palm atravessa-o com a lança, e Eschenbach lhe parte a cabeça, de modo que ele tomba em seu sangue, assassinado pelos seus sobre o que era seu. Na outra margem viram o feito; mas, separados pelo rio, só puderam erguer um grito impotente de dor; junto ao caminho, porém, estava sentada uma pobre

mulher, e no colo dela o imperador sangrou até morrer.

Melchthal.

Assim cavou apenas sua cova prematura, ele, que, insaciável, tudo quis possuir!

Stauffacher.

Um terror monstruoso espalha-se por toda a terra; fechadas estão todas as passagens das montanhas; cada Estado guarda suas fronteiras; a própria velha Zurique fechou suas portas, que havia trinta anos estavam abertas, temendo os assassinos e, ainda mais, os vingadores. Pois, armada com a maldição do banimento, vem a rainha da Hungria, a severa Agnes, que não conhece a brandura de seu delicado sexo, para vingar o sangue régio do pai em toda a linhagem dos assassinos, em seus servos, filhos, filhos dos filhos, sim, até nas pedras de seus castelos. Jurou mandar gerações inteiras ao túmulo do pai, banhar-se em sangue como em orvalho de maio.

Melchthal.

Sabe-se para onde fugiram os assassinos?

Stauffacher.

Logo depois de consumado o ato, fugiram por cinco estradas diversas, e separaram-se para nunca mais se ver. Dizem que o duque João erra pelas montanhas.

Walther Fürst.

Assim o crime não lhes dá fruto algum! A vingança não dá fruto! Ela é para si mesma o alimento terrível; seu gozo é o homicídio, e sua saciedade é o horror.

Stauffacher.

Aos assassinos o crime não traz proveito; nós, porém, com mão limpa, colhemos o fruto benfazejo do delito sangrento. Pois estamos livres de um grande temor: caiu o maior inimigo da liberdade, e, segundo se ouve, o cetro passará da casa dos Habsburgos a outra estirpe; o Império quer conservar sua liberdade de eleição.

Walther Fürst e Vários.

Ouvistes algo?

Stauffacher.

O conde de Luxemburgo já está indicado pela maioria dos votos.

Walther Fürst.

Feliz de nós por termos ficado fiéis ao Império; agora há esperança de justiça!

Stauffacher.

O novo senhor precisa de amigos valentes; ele há de proteger-nos contra a vingança da Áustria.

Os Homens da Terra abraçam-se.

Sacristão, com um Mensageiro Imperial.

Sacristão.

Aqui estão os dignos chefes da terra.

Rösselmann e Vários.

Sacristão, que há?

Sacristão.

Um mensageiro imperial traz esta carta.

Todos, a Walther Fürst.

Abri-a e lede.

Walther Fürst, lê.

“Aos honrados homens de Uri, Schwytz e Unterwalden oferece a rainha Elsbeth graça e todo bem.”

Muitas Vozes.

Que quer a rainha? Seu reino acabou.

Walther Fürst, lê.

“Em sua grande dor e aflição de viúva, na qual a morte sangrenta de seu senhor lançou a rainha, ela ainda se recorda da antiga fidelidade e afeição das terras suíças.”

Melchthal.

Em sua fortuna, nunca se lembrou disso.

Rösselmann.

Silêncio! Deixai ouvir!

Walther Fürst, lê.

“E ela confia no povo fiel, que há de sentir justo horror pelos autores malditos deste ato; por isso espera dos três cantões que jamais deem apoio aos assassinos, antes ajudem lealmente a entregá-los à mão do vingador, recordando a afeição e a antiga graça que receberam da casa principesca de Rudolf.”

Sinais de indignação entre os Homens da Terra.

Muitas Vozes.

Afeição e graça!

Stauffacher.

Recebemos graça do pai; mas de que podemos gloriar-nos quanto ao filho? Confirmou ele nossa carta de liberdade, como antes dele fizeram todos os imperadores? Julgou ele segundo sentença justa e deu proteção à inocência oprimida? Quis ele sequer ouvir os mensageiros que lhe enviamos em nossa angústia? Nada disso, nada de tudo isso, fez o rei por nós, e, se nós mesmos não tivéssemos conquistado o direito com nossa própria mão corajosa, nossa miséria não o tocaria. A ele, graças? Não foi gratidão que ele semeou nestes vales. Estava em lugar elevado, poderia ter sido pai de seus povos; mas a ele agradou cuidar somente dos seus. Que o chorem aqueles que ele engrandeceu!

Walther Fürst.

Não queremos exultar com sua queda, nem lembrar agora o mal recebido; longe de nós tal coisa! Mas que devemos vingar a morte do rei que nunca nos fez bem, e perseguir os que nunca nos afligiram, isso não nos cabe nem nos

convém. O amor quer ser oferenda livre; a morte desobriga de deveres forçados! Nada mais temos a pagar-lhe.

Melchthal.

E se a rainha chora em seus aposentos, e sua dor feroz acusa o céu, vedes aqui um povo livre da angústia rezando com gratidão a esse mesmo céu. Quem quer colher lágrimas deve semear amor.

O Mensageiro Imperial sai.

Stauffacher, ao povo.

Onde está Tell? Só ele há de faltar entre nós, ele, o fundador de nossa liberdade? O maior feito foi dele, o mais duro ele suportou. Vinde todos, vinde em romaria à sua casa, e saudai o salvador de todos nós.

Todos saem.

Segunda Cena

Vestíbulo da casa de Tell.

Um fogo arde na lareira. A porta aberta dá para fora.

Hedwig, Walther e Wilhelm.

Hedwig.

Hoje vem vosso pai. Filhos, queridos filhos! Ele vive, está livre, e nós estamos livres, e tudo! E é vosso pai quem salvou a terra.

Walther.

E eu também estive nisso, mãe! Também me devem mencionar. A flecha de pai passou rente à minha vida, e eu não tremi.

Hedwig, abraçando-o.

Sim, tu me foste devolvido! Duas vezes te dei à luz! Duas vezes sofri por ti a dor de mãe! Acabou. Eu vos tenho aos dois, aos dois! E hoje o querido pai volta!

Um Monge aparece à porta da casa.

Wilhelm.

Olha, mãe, olha, há ali um irmão piedoso; decerto vem pedir uma esmola.

Hedwig.

Traze-o para dentro, para que o reanimemos; que ele sinta ter entrado numa casa de alegria.

Entra e volta logo com uma taça.

Wilhelm, ao Monge.

Vinde, bom homem. Mamãe quer confortar-vos.

Walther.

Vinde, descansai e parti depois com novas forças.

Monge, olhando em redor com receio e feições transtornadas.

Onde estou? Dizei, em que terra?

Walther.

Estais perdido, para não saber isso? Estais em Bürglen, senhor, na terra de Uri, por onde se entra no vale de Schächen.

Monge, a Hedwig, que volta.

Estais sozinha? Vosso marido está em casa?

Hedwig.

Estou justamente à espera dele. Mas que tendes, homem? Não pareceis trazer boas notícias. Quem quer que sejais, tendes necessidade; tomai!

Estende-lhe a taça.

Monge.

Por mais que meu coração sequioso anseie por alívio, nada tocarei até que me tenhais prometido...

Hedwig.

Não toqueis meu vestido, não vos aproximeis de mim; ficai longe, se devo escutar-vos.

Monge.

Por este fogo que aqui arde hospitaleiro, pela preciosa cabeça de vossos filhos, que eu abraço...

Agarra o menino.

Hedwig.

Homem, que pretendeis? Afastai-vos de meus filhos! Não sois monge! Não sois! A paz mora nesse hábito; em vossas feições a paz não mora.

Monge.

Sou o mais infeliz dos homens.

Hedwig.

A desgraça fala poderosamente ao coração; mas vosso olhar me aperta o íntimo.

Walther, erguendo-se de súbito.

Mãe, o pai!

Sai correndo.

Hedwig.

Ó meu Deus!

Quer segui-lo, treme e se sustém.

Wilhelm, corre atrás.

O pai!

Walther, fora.

Estás de volta!

Wilhelm, fora.

Pai, querido pai!

Tell, fora.

Estou de volta. Onde está vossa mãe?

Entram.

Walther.

Ali está ela à porta e não consegue avançar; tão trêmula está, de susto e alegria.

Tell.

Ó Hedwig! Hedwig! Mãe de meus filhos! Deus ajudou. Já nenhum tirano nos separa.

Hedwig, ao pescoço dele.

Ó Tell! Tell! Que angústia sofri por ti!

O Monge fica atento.

Tell.

Esquece-a agora e vive só para a alegria! Estou de volta! Esta é a minha cabana! Estou de novo sobre o que é meu!

Wilhelm.

Mas onde está tua besta, pai? Não a vejo.

Tell.

Tu nunca mais a verás. Está guardada em lugar sagrado; de agora em diante não servirá mais à caça.

Hedwig.

Ó Tell! Tell!

Afasta-se e solta-lhe a mão.

Tell.

Que te assusta, querida mulher?

Hedwig.

Como... como voltas para mim? Esta mão... posso tocá-la? Esta mão... ó Deus!

Tell, cordial e firme.

Defendeu-vos e salvou a terra; posso erguê-la livremente ao céu.

O Monge faz um movimento brusco; Tell o percebe.

Quem é aqui este irmão?

Hedwig.

Ah, eu o esquecera! Fala tu com ele; sinto horror perto dele.

Monge, aproximando-se.

Sois vós Tell, por quem caiu o Governador?

Tell.

Sou eu; não o escondo de homem algum.

Monge.

Sois Tell! Ah, é a mão de Deus que me conduziu para baixo de vosso teto.

Tell, medindo-o com os olhos.

Não sois monge! Quem sois?

Monge.

Vós matastes o Governador que vos fez mal. Também eu matei um inimigo que me negava o direito. Ele era vosso inimigo, como meu. Eu liberei a terra dele.

Tell, recuando.

Vós sois... Horror! Filhos! Filhos, entrai! Vai, querida mulher! Vai, vai! Infeliz! Vós seríeis...

Hedwig.

Deus, quem é ele?

Tell.

Não perguntes! Fora, fora! As crianças não devem ouvir isto. Sai de casa, vai para longe. Tu não podes ficar sob o mesmo teto com este homem.

Hedwig.

Ai de mim, que é isto? Vinde!

Sai com as crianças.

Tell, ao Monge.

Vós sois o duque da Áustria. Sois vós! Matastes o imperador, vosso tio e senhor.

João Parricida.

Ele era o ladrão de minha herança.

Tell.

Vosso tio assassinado, vosso imperador! E ainda vos sustenta a terra? Ainda vos ilumina o sol?

Parricida.

Tell, ouvi-me antes que...

Tell.

Gotejando o sangue do parricídio e do assassinato do imperador, ousas entrar em minha casa limpa? Ousas mostrar teu rosto a um homem de bem e pedir o direito de hóspede?

Parricida.

Junto a vós eu esperava encontrar misericórdia; também vós vos vingastes de vosso inimigo.

Tell.

Infeliz! Ousas misturar a culpa sangrenta da ambição com a justa defesa de um pai? Defendeste a querida cabeça dos filhos? Protegeste o santuário do lar? Afastaste dos teus o mais terrível, o último dos males? Ao céu ergo minhas mãos limpas, amaldiçoo-te e a teu feito. Vinguei a natureza sagrada, que tu profanaste. Nada tenho em comum contigo. Tu assassinaste; eu defendi o que me era mais caro.

Parricida.

Repelis-me, sem consolo, ao desespero?

Tell.

Um horror me toma quando falo contigo. Fora! Segue teu caminho terrível!
Deixa limpa a cabana onde mora a inocência!

Parricida, volta-se para sair.

Assim não posso, e assim não quero mais viver!

Tell.

E, no entanto, tenho compaixão de ti. Deus do céu! Tão jovem, de estirpe tão nobre, neto de Rudolf, meu senhor e imperador, fugitivo como assassino, aqui à minha soleira, à soleira de um pobre homem, suplicante e desesperado...

Cobre o rosto.

Parricida.

Oh, se podeis chorar, deixai que meu destino vos comova; ele é terrível. Sou um príncipe... fui-o. Poderia ter sido feliz, se houvesse dominado a impaciência dos desejos. A inveja roeu-me o coração. Eu via a juventude de meu primo Leopoldo coroada de honra e recompensada com terras, e a mim, que era da mesma idade, mantido em escrava menoridade.

Tell.

Infeliz, bem te conhecia teu tio, quando te negava terras e homens! Tu mesmo, com ato de loucura súbito e selvagem, justificas terrivelmente sua sábia decisão. Onde estão os cúmplices sangrentos de teu assassinato?

Parricida.

Para onde os espíritos da vingança os levaram; não os vi mais desde o ato infeliz.

Tell.

Sabes que a proscricção te persegue, que és vedado ao amigo e permitido ao inimigo?

Parricida.

Por isso evito todos os caminhos abertos; não ousou bater a nenhuma cabana. Volto meus passos para o deserto; horror de mim mesmo, erro pelas montanhas e recuo tremendo diante de mim, quando um ribeiro me mostra

minha imagem desgraçada. Oh, se sentis piedade e humanidade...

Cai de joelhos diante dele.

Tell, voltando-se.

Levantai-vos! Levantai-vos!

Parricida.

Não, antes que me estendais a mão em auxílio.

Tell.

Posso ajudar-vos? Pode um homem valer contra o pecado? Contudo, levantai-vos. Por mais horrível que tenhais cometido, sois um homem. Eu também o sou. De Tell ninguém há de partir sem consolo. O que eu puder, isso farei.

Parricida, levantando-se de súbito e agarrando a mão dele com violência.

Ó Tell! Salvais minha alma do desespero.

Tell.

Largai minha mão. Deveis partir. Aqui não podeis ficar sem ser descoberto; e, descoberto, não podeis contar com proteção. Para onde pensais ir? Onde esperais encontrar repouso?

Parricida.

Sei eu? Ah!

Tell.

Ouvi o que Deus me pôe no coração. Deveis partir para a terra da Itália, para a cidade de São Pedro; lá, lançai-vos aos pés do papa, confessai a ele vossa culpa e libertai vossa alma.

Parricida.

Não me entregará ele ao vingador?

Tell.

O que ele vos fizer, recebei-o de Deus.

Parricida.

Como chegarei à terra desconhecida? Não conheço o caminho, não ousou juntar meus passos aos de viajantes.

Tell.

Eu vos direi o caminho; guardai-o bem! Subireis contra a corrente da Reuß, que em curso selvagem precipita-se da montanha.

Parricida, assustado.

Verei a Reuß? Ela corria junto ao meu crime.

Tell.

O caminho passa à beira do abismo, e muitas cruces o assinalam, erguidas em memória dos viajantes que a avalanche sepultou.

Parricida.

Não temo os terrores da natureza, se eu domar as dores selvagens do coração.

Tell.

Diante de cada cruz, caí por terra e expiai vossa culpa com ardentes lágrimas de arrependimento. E, se atravessardes com ventura a estrada de horror, se a montanha não mandar sobre vós suas rajadas desde a passagem gelada, chegareis à ponte que espargue espuma. Se ela não ruir sob vossa culpa, se a deixardes felizmente para trás, então se abre um negro portão de rocha. Dia algum ainda o iluminou. Por ele passais, e ele vos conduz a um claro vale de alegria. Mas deveis atravessá-lo em passo rápido; não vos é permitido demorar onde mora o repouso.

Parricida.

Ó Rudolf! Rudolf! Ancestral régio! Assim entra teu neto no chão de teu reino!

Tell.

Assim, sempre subindo, chegareis às alturas do São Gotardo, onde estão os lagos eternos, que se enchem dos próprios rios do céu. Lá vos despedireis da

terra alemã, e, em curso alegre, outro rio vos conduzirá para baixo, à terra da Itália, a terra prometida.

Ouve-se o canto dos vaqueiros tocado por muitos alfornes.

Ouçõ vozes. Fora!

Hedwig, entrando às pressas.

Onde estás, Tell? O pai vem! Aproximam-se em cortejo alegre todos os confederados...

Parricida, encobrimdo-se.

Ai de mim! Não posso ficar entre os felizes.

Tell.

Vai, querida mulher. Reanima este homem! Dá-lhe em abundância provisões, pois seu caminho é longo, e nenhuma hospedaria o acolhe. Depressa! Eles se aproximam.

Hedwig.

Quem é ele?

Tell.

Não indagues! E, quando ele partir, desvia teus olhos, para que não vejam por que caminho ele segue!

Parricida avança para Tell com um movimento rápido; este, porém, faz-lhe sinal com a mão e sai. Quando ambos saem por lados diferentes, muda-se o cenário, e vê-se, na

Última Cena

todo o fundo do vale diante da morada de Tell, com as elevações que o encerram, ocupado por Homens da Terra, que se agrupam num conjunto. Outros vêm em cortejo por uma alta passarela que atravessa o Schächen. Walther Fürst, com os dois meninos, Melchthal e Stauffacher avançam; outros vêm atrás. Quando Tell sai, todos o recebem com forte júbilo.

Todos.

Viva Tell! O atirador e o salvador!

Enquanto os primeiros se comprime em torno de Tell e o abraçam, aparecem também Rudenz e Bertha; ele abraça os Homens da Terra, ela abraça Hedwig. A música vinda da montanha acompanha esta cena muda. Quando ela termina, Bertha vai para o meio do povo.

Bertha.

Homens da Terra! Confederados! Recebei-me em vossa liga, a primeira ditosa que encontrou proteção na terra da liberdade. Em vossa mão valente deposito meu direito; quereis proteger-me como vossa cidadã?

Homens da Terra.

Queremos, com bens e sangue.

Bertha.

Pois bem! Assim ofereço a este jovem a minha destra, a suíça livre ao homem livre!

Rudenz.

E livres declaro todos os meus servos.

Enquanto a música entra de novo, rápida, cai o pano.

GLOSSÁRIO FINAL

Agnes: Rainha da Hungria, filha de Albrecht. No quinto ato, surge como figura da vingança dinástica contra os assassinos do pai.

Albrecht: Rei e imperador da Casa de Habsburgo. Sua morte, narrada no quinto ato, altera o destino político dos cantões suíços.

Altorf: Localidade de Uri onde se passam cenas centrais da peça. A forma “Altorf” foi adotada como regularização editorial.

Governador: Tradução adotada para “Landvogt” e “Vogt”. Designa o representante do poder austríaco sobre os cantões.

Bertha: Bertha von Bruneck, nobre que se aproxima da causa suíça e, no final da peça, pede acolhida entre os confederados.

Bruneck: Referência à linhagem de Bertha von Bruneck.

Brünig: Passagem alpina mencionada na fuga de Landenberg.

Bruck: Lugar associado ao assassinato de Albrecht.

Bürglen: Localidade de Uri ligada à casa de Tell.

Confederados: Tradução adotada para “Eidgenossen”, os homens unidos pelo pacto de liberdade dos cantões.

Elsbeth: Rainha viúva de Albrecht, que envia uma carta aos cantões após o assassinato do imperador.

Geßler: Governador austríaco e figura central da tirania combatida por Tell.

Habsburgo: Casa dinástica austríaca que exerce poder sobre os cantões suíços no contexto da peça.

Hedwig: Esposa de Wilhelm Tell e mãe de Walther e Wilhelm. Representa o núcleo familiar ameaçado pela tirania.

Homens da Terra: Tradução adotada para “Landleute” quando aparece como coletivo cênico. Indica o povo dos cantões, camponeses e cidadãos livres.

João Parricida: Duque João da Suábia, assassino de seu tio Albrecht. Sua cena com Tell distingue a legítima defesa do assassinato movido por ambição e

vingança.

Landenberg: Governador associado à violência contra o pai de Melchthal.

Melchthal: Um dos principais confederados. Sua história familiar, marcada pela violência contra o pai, alimenta a revolta contra os governadores.

Reuß: Rio suíço. No quinto ato, liga-se tanto ao assassinato de Albrecht quanto ao caminho penitencial indicado por Tell a João Parricida.

Rösselmann: Sacerdote e participante das discussões públicas dos cantões.

Roßberg: Fortaleza ligada à ação de Melchthal.

Rudenz: Jovem nobre que se reconcilia com a causa suíça e, no final, liberta seus servos.

Rütli: Lugar do juramento dos confederados. Simboliza a origem moral e política da aliança.

Sarnen: Local do castelo tomado pelos revoltosos.

Schächen: Rio e vale junto à região de Tell.

Schaffhausen: Cidade de onde chega a notícia do assassinato de Albrecht.

Schwytz: Um dos cantões primitivos da Confederação Suíça. Mantida a forma histórica da fonte.

São Gotardo: Passagem alpina rumo à Itália. No quinto ato, integra o caminho de penitência indicado a João Parricida.

Stauffacher: Werner Stauffacher, um dos chefes morais e políticos dos confederados.

Tell: Wilhelm Tell, homem de Uri, atirador com besta e figura decisiva da libertação suíça.

Touro de Uri: Figura ligada ao chamado sonoro das montanhas, especialmente no quinto ato.

Unterwalden: Um dos cantões primitivos da Confederação Suíça.

Uri: Cantão central da ação de Wilhelm Tell.

Urfeide: Juramento medieval de renúncia à vingança, ao retorno hostil ou a novas reivindicações após perdão, derrota ou libertação.

Walther: Filho de Wilhelm Tell. É a criança posta sob a ameaça da flecha na cena da maçã.

Walther Fürst: Ancião de Uri, figura de sabedoria política e moral entre os confederados.

Wilhelm: Filho mais novo de Tell.

Zwing Uri: Fortaleza erguida como símbolo da opressão austríaca em Uri. Sua destruição marca a queda visível da tirania.